

Moradores se mobilizam na Vila Planalto

Uma Associação foi criada para defender interesses dos moradores (página 5)

Campus

Jornal do Departamento de Comunicação da UnB

Nº. 46

Segunda quinzena/

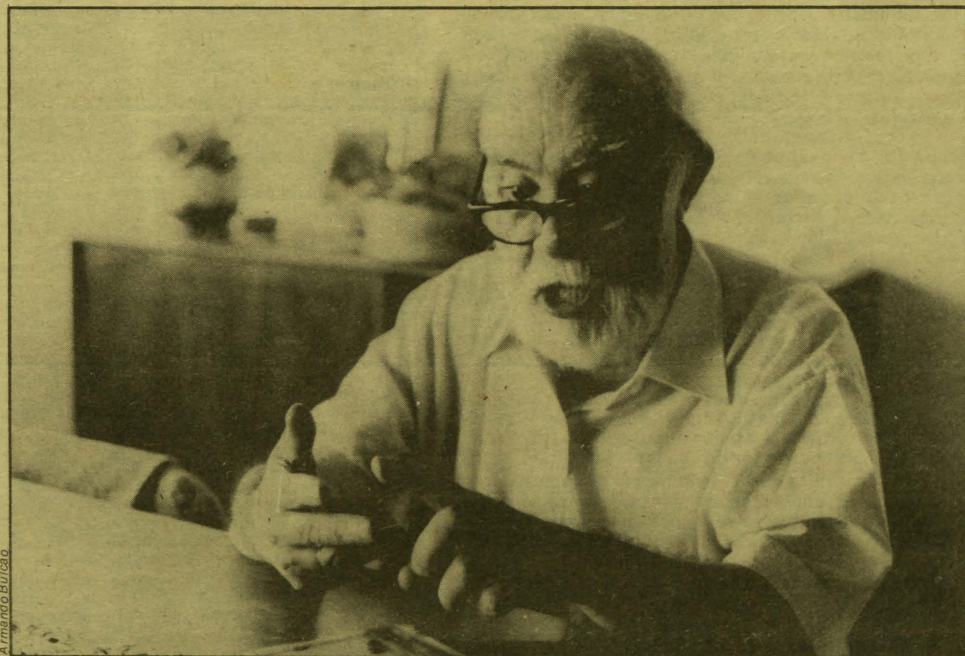
Janeiro- 83

Cortes de verbas também afetam a UnB

Veja na página 2 como os cortes orçamentários vão atingir a UnB

Eudoro, um pensador que engrandece a Universidade

Ele pode ser considerado um dos maiores helenistas vivos do mundo. Professor da Universidade de Brasília desde 1962, Eudoro de Souza falou ao **Campus** sobre juventude, ensino, filosofia, trabalho, dizendo-se contra qualquer "ismo". Durante a entrevista, Eudoro ensinou uma lição que é útil principalmente para os mais jovens. "Pensar dói", garantiu o velho professor e filósofo. (Página 11)



Armando Bulcão

O FMI e os rumos da política externa

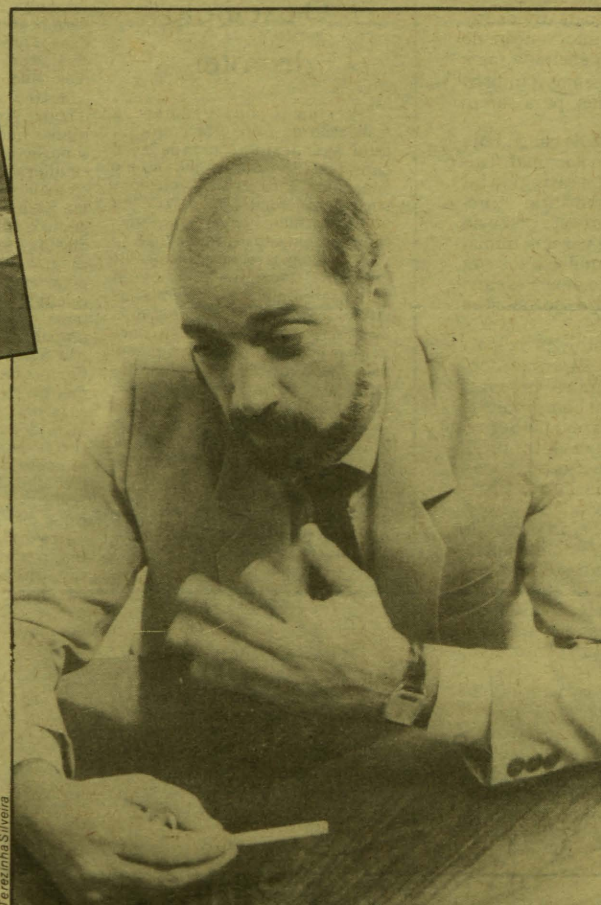
Em entrevista ao **Campus**, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Bernardo Pericás, garantiu que os acordos com o FMI e o apoio financeiro dado ao país pelo governo Reagan em nada alteraram a política externa brasileira, apesar dos rumores em contrário. Pericás afirmou que o adiamento da viagem do presidente Figueiredo à África se deu por motivos logísticos. (Página 8).

As relações entre governo e a oposição

(Página 9)

Pausa para crítica e autocrítica

Foi no segundo semestre de 1982 que o **Campus** passou por uma sensível reestruturação, destinada a transformá-lo numa experiência acadêmica e profissional mais eficiente. Nas páginas 6 e 7 a redação do **Campus** depõe sobre essa experiência, compartilhando-a com seus leitores e, principalmente, com outros estudantes de Comunicação, interessados nas lições que este jornal-laboratório possa lhes ter ensinado.



Terezinha Silveira



Benê Estêvão

Pinóquio agora é um brasileiro

Murilo Ramos

Entre as preocupações do professor responsável por matérias ligadas à prática do jornalismo está a necessidade de incutir no aluno/repórter a noção de credibilidade. Um jornal, ou qualquer outro veículo jornalístico, precisa ter credibilidade, precisa se fazer respeitar pela confiabilidade da informação que divulga. Na reportagem, na análise, na opinião, o jornalista deve se ater à verdade, por mais fugaz que seja esse conceito.

Torna-se, no entanto, difícil a missão do professor, quando o seu aluno ou aluna, sempre disposto (a) a aprender, olha ao seu redor e vê imperar, exatamente por parte daquelas fontes consideradas as mais responsáveis, a distorção, o engodo, quando não a mentira esdrachada. Qual o estudante de jornalismo, qual o mais dedicado aprendiz de repórter que não vai se deixar influenciar pela mentira quando esta é referendada até pelas mais altas autoridades do país? Com que cara fica você, professor, que exige do seu aluno o respeito à veracidade das fontes, quando são fontes oficiais que estão por aí a desprestigiar o trabalho de repórteres e a confiança do povo?

Já se tornou comum abrir os jornais e ler artigos e comentários, quando não editoriais, sobre o falseamento da verdade por parte de autoridades do governo. O próprio porta-voz do Planalto é constantemente alvo de irônica observação: se ele desmentiu, confirme: se ele confirmou, desminta. É como se de repente o Brasil tivesse se transformado num imenso espelho, com a sua realidade sendo a todo instante invertida.

Curiosa e reveladora pesquisa seria aquela que procurasse a coleta sistemática de declarações de autoridades, particularmente as da área econômico-financeira, para depois cotê-las com o realmente ocorrido. É claro que alguns exemplos saltam aos olhos: a ida ao FMI, o reescalonamento da dívida externa, a mudança da lei salarial, a intervenção no Grupo Delfin. Mas, certamente uma peneirada mais fina nos jornais permitiria que chegassemos a muitos outros exemplos de coisas desmentidas, para serem depois confirmadas ou vice-versa.

O fato é que esse desrespeito à verdade chega hoje às vias de se transformar em escândalo nacional. Talvez nunca na história brasileira tenhamos atingido tal grau de baixa credibilidade governamental. Chegamos a um tal ponto em que a mentira está perto de ser considerada "virtude cívica", uma vez que ministros de Estado vêm a público garantir que se tivessem falado a verdade o resultado seria muito pior. Péssimo exemplo este, que espero nossos futuros jornalistas aprendam a não emular.

O respeito à verdade é fundamental, principalmente quando se trata de governantes prestando contas dos seus atos ao povo. O problema se dá justamente quando os governantes não tem compromisso com ele, tendo chegado ao poder sem passar pelo crivo da vontade popular. Resta ao povo, portanto, prosseguir na sua luta para mudar de uma vez por todas essa situação autoritária. Trata-se de luta profundamente difícil e muitas vezes desacompanhada.

De nossa parte, aqui neste espaço, num jornal de experiência, mas nem por isso menos sério e responsável, nos resta prosseguir alertando nossos alunos e futuros jornalistas da importância de manter a credibilidade. Sem ela, nada somos, pois só existimos enquanto merecermos a confiança daqueles que nos procuram para acompanhar o que está acontecendo neste mundo cada vez mais complexo.

Pena é que muitos dos nossos governantes não pensem assim e continuem em seus postos mesmo sem ter mais a confiança dos seus governados. Governados, que, aliás, nada tiveram com a ascensão de tais governantes, fechando-se aí o círculo vicioso do autoritarismo. Romper o círculo, esta é a questão. Parte da nossa contribuição se dá, aqui, na prática de fazer este jornal-laboratório, modesta contribuição ao exercício da credibilidade.

O professor Murilo Ramos é o editor-chefe do Campus

Como garantir a qualidade?

Inflação de 9% em janeiro. FMI em cima, informações pouco precisas do trio da área econômica, a certeza de que a área da Educação será como sempre relegada a enésimo plano. É difícil ter um panorama otimista em relação ao ensino no país, e, em particular, à nossa Universidade, como têm nossos dirigentes. Como se garantir que a qualidade do ensino, já tão precária (não obstante os sopros de esperança que temos tido com os acontecimentos do segundo semestre de 82), não será atingida com os cortes nos orçamentos da Educação? Quem pode assegurar que a UnB não preferirá continuar investindo no que lhe dá projeção externa, (Editora, Universidade Aberta, Encontros Internacionais), do que naquilo que por sua comunidade seja considerado prioritário para se atingir níveis satisfatórios, de condições de ensino e pesquisa? Na hora da decisão, o corte será na verba da Universidade Aberta ou na compra de equipamentos? Para quem já conhece o caminho que as decisões aqui dentro percorrem, não é difícil prever. Ou 83 será realmente diferente de 82? (Leticia Almeida Borges — Campus).

O exemplo do vôlei

Pelo que se pôde ver durante a realização da Copa Marlboro, na qual sagraram-se campeões o time feminino do Paulistano e o Masculino da Pirelli, o vôlei é um esporte muito mais sério do que o futebol. Pelo menos nas equipes bem estruturadas, não se vê aqueles picaretas dos times de futebol. Os maiores estádios do país costumam receber em seus gramados grandes jogadores, mas também servem de palco para muitos enganadores. No vôlei não. Não tem jeito de enganar. Os jogos são muito disputados e a eficiência do atleta é medida a cada instante. O brasileiro parece ter agora uma nova opção para o lazer. Trocar inspidas partidas de futebol, repletas de pernas-de-pau, por emocionantes saques, cortadas, "jornadas" e "viagens ao fundo do mar" (Nelson Luiz — Campus).

Falta de respeito

Das homenagens prestadas a Elis Regina no primeiro aniversário de sua morte a reportagem publicada pela revista Amiga, da Editora Bloch, pode ser considerada a mais lastimável. A matéria, de baixo nível jornalístico, traz as músicas psicografadas de Elis, através da desconhecida médium Maria Estela Dorea. Isto é um absurdo completo, pois todos sabem que a artista nunca foi compositora em toda a sua vida. O fato pode até não parecer surpreendente, tendo

MURO

em vista a péssima qualidade das publicações da citada editora, anunciadas com alarde pela Rádio Manchete FM de Brasília. Fatos e Fotos, Amiga e Manchete sempre se caracterizaram por reportagens sensacionalistas, fofocas do mundo artístico e a promoção descarada de órgãos e pessoas do governo. Desta vez, a memória de uma grande cantora foi ridicularizada pela veiculação de letras supostamente suas, unindo, de um modo que só os Bloch sabem fazer, pseudojornalismo com espiritismo de segunda mão. Impossível suportar. Vejam a "pérola": "Naquela manhã chorei/E me desesperei/Pedi socorro, gritei/Não encontrei/Chamei por alguém/Já nem sei...". E esta outra: "...Se saíei a minha sede/Num copo impuro de cristal/Agora sei que aquela gente/Ao meu redor/Me desejava tanto mal". Não é preciso dizer mais nada. Pelo jeito a próxima matéria deverá conter os dribles psicografados de Mané Garrinha. (Nelson Luiz — Campus).

Hipnose coletiva

Fui assistir aquele filme que está na moda chamado ET. Dizem que é um filme de ficção espacial para crianças. Mas, a primeira coisa que reparei, foi o preço dos ingressos do cinema. Isso não é ficção, é roubo. Fui claro, é roubo. Aonde já se viu pagar um barão para ficar mal acomodado durante duas horas numa poltrona terível, com baratas, sem ar condicionado funcionando, com a companhia de alguns engraçadinhos soltando aquelas bombinhas que deixam o ambiente insuportável? Pronto, já estou mais equilibrado. Comentemos o filme, ou melhor, o drama que o pessoal faz para faturar em cima da ingenuidade e falta de opção de lazer alheia. As pessoas — tadinhas — chegam no cinema num verdadeiro estado de hipnose cerebral coletiva proporcionado pelo sistema de divulgação de massa. A propaganda é a alma do negócio, não é mesmo? Então, faturemos. Como estamos comentando o filme, não vou entrar naquela discussão sobre os curtos-metragens, ou seja, naquela política de passar curtos sem gosto para, evidentemente, desmerecer esse tipo de trabalho. Me desculpem, não era pra dizer, escapou. Entretanto, como diz Chico Buarque "aqui na Terra estão jogando futebol, tem muito samba muito choro e rock'n'roll, um dia chove outro dia bate sol, mas o que eu quero lhe dizer, que a coisa aqui está preta...". (Eduardo de Oliveira — Campus).

Falta de assessoria

Acompanhar os acontecimentos na Universidade num período de grande esvaziamento, não é tarefa das mais fáceis. O que pode ou não ser notícia, a ausência de público e de fontes, são preocupações constantes. Mas os fatos existem, como esta edição acabou provando. E os problemas também. Não bastasse todas as

dificuldades, tivemos ainda que enfrentar a indiferença daquele que, pela própria função, deveria se empenhar na divulgação de informações sobre a UnB: seu Assessor de Imprensa. A Assessoria de Imprensa tem tido até sua própria existência questionada, mas, existindo, espera-se do seu ocupante, no mínimo, que conheça bem o órgão que representa e a área de competência dos diversos cargos. Lamentavelmente, isso não ocorre na UnB. (Leticia Borges e Nelson Luiz, Campus).

Brasília: uma cidade fantasma?

Brasília é assim: as coisas vão acontecendo durante o ano. Um bom filme aqui, uma peça ali. Mais eis que chega o verão brasileiro e aí é aquele problema. A cidade se esvazia. Uns (muitos) vão para o Rio. Outros para o Sul, alguns para o Nordeste e o Norte. Enfim, Brasília vira uma cidade fantasma, onde as pessoas imploram para que algo diferente aconteça. Nesse verão 83 se ensaia timidamente uma mudança desse estado de coisas. O Sindicato dos Bancários promoveu um curso de Cineclubismo que reuniu cineastas de toda a cidade, além de trazer à cidade João Batista de Andrade, o diretor do premiado O Homem que Virou Suco. Paralelamente, a Associação Brasileira de Documentaristas se movimentou na tentativa de trazer um Pólo Cinematográfico para Brasília. No teatro, Crepe Suzete, o Beijo da Grapete volta ao palco da ABO, enquanto o Projeto Mambembão leva um grande público à Sala Martins Penna. Finalmente a cidade começa a se mexer!

(Rossana Alves — Campus)

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Editor-chefe: Prof. Murilo Ramos. **Secretário de Redação:** Bartolomeu Rodrigues. **Editores:** Leticia Almeida Borges (UnB); Rossana Alves (Internacional); Terezinha Silveira (Nacional); Paula Xavier Mattoso (Comunidade); Débora Maroja (Cultura); Ana Lúcia Guimarães (Esporte); Armando Bulcão (Fotografia); Diagramação: Ailton Maia (professor convidado);

Redação: Ana Vera Furquim, Antonio Claret de Souza, Eduardo, de Oliveira, Eugênia França, Hugo Studart, James Allen, James Gama, Liliana Vera, Carmen Moretzsohn, Maria Luiza Brígido, Mara Régia, Mírea Soares, Nelson Luiz, Pedro Paulo, Ricardo Bandeira, Sandra Tibana, Virginia Meirelles.

Orçamento da UnB também atingido pelos cortes

Mesmo uma universidade considerada "rica", como a Universidade de Brasília, não escapará das consequências dos cortes orçamentários que atingiram a área da Educação para o ano de 1983. Já em dezembro de 1982, a UnB foi obrigada a arcar com o pagamento dos salários de seu pessoal, que seria de competência do Ministério de Educação e Cultura.

"Se considerarmos o orçamento da UnB de 1982 e fizermos a correção de 90% sobre os recursos finais, projetando-os para 83, haverá um déficit da ordem de 1 bilhão de cruzeiros," afirmou ao **Campus** o Coronel Lister de Figueiredo, Superintendente Executivo da UnB. Os cortes recairão somente sobre a parte administrativa, mantendo-se as prioridades de gastos como ensino. "Temos que conter as despesas para evitar o déficit ou tentar conseguir recursos suplementares do MEC ou da própria UnB para as outras atividades".

Pode-se prever, assim, uma paralisação nas obras de construção, a não ser que o MEC reembolse a UnB a quantia gasta com o pagamento de salários de dezembro. Neste caso, a Universidade construirá um prédio com 24 apartamentos de quatro quartos, cuja licitação já se encontra em realização, e prosseguirá com obras prioritárias no ICC. De qualquer forma, disse o superintendente, não poderá gastar mais do que gastou em 82.

BOATOS

O alardeado corte de verbas, somado ao fato de terem saído da UnB, e não do MEC, os recursos para os salários de dezembro, fez surgir o temor entre funcionários e professores de que começaria a haver, daqui para frente, atraso nos pagamentos.

Ao que parece, isso não passa de um boato da "Rádio Candango" (meio de comunicação informal da UnB; veicula boatos, especulações, informações "em off" nos corredores do ICC). Pelo



Apesar dos cortes, gastos com ensino terão prioridade, garante Lister.

menos é o que garante o Coronel Lister. Ele lembra, ainda, que os 12% de corte no Orçamento do MEC não incidem sobre pessoal, provimentos e encargos sociais, conforme a própria decisão do Ministério, devendo atingir, sobretudo, serviços prestados por terceiros.

PLANOS

O programa da Biblioteca continua, o que já constitui gasto considerável, pois só com a renovação das assinaturas de periódicos científicos, serão gastos 400 mil dólares. Também a Editora deverá repetir o desempenho de 82, com a edição de cerca de 100 títulos.

E na área de Extensão que a UnB mais tem concentrado recursos, segundo o coronel Lister, devido à sua grande atividade, principalmente com a Universidade Aberta, que vem tendo um substancial aumento de alunos em todo o país.

Há também o trabalho de reflorestamento da Fazenda Água Limpa, que prosseguirá em 83 com a previsão de 150 hectares reflorestados, a cargo dos professores do Departamento de Engenharia Florestal, além da compra de material.

De novidade existe o projeto de reformulação da Diretoria de Assuntos Acadêmicos, cujo sistema se encontra saturado com o crescimento das atividades, sobretudo as de extensão. O Coronel Lister acredita que até agosto deste ano a DAA já poderá operar suas informações por computador. Para isso, a Universidade está adquirindo equipamentos que aumentem a capacidade de seu computador, o que, segundo ele, permitirá a utilização do terminal não só pelo DAA, como também por alunos da graduação, da pós-graduação e das áreas de pesquisa. (Leticia Almeida Borges)



Para Luis Otávio, os cortes não influirão nos enquadramentos.

Verbas menores não afetam corpo docente

ENQUADRAMENTO

"Os 12% de corte no orçamento do MEC não afetam a política de pessoal, consequentemente, não haverá qualquer diminuição no corpo docente". A afirmação é do vice-reitor da UnB, professor Luis Otávio de Souza Carmo, em entrevista ao **Campus**. "As vagas continuam sendo as mesmas; se elas existem, serão preenchidas de acordo com os procedimentos da UnB".

Nada há de animador nesta afirmação do vice-reitor, para aqueles que imaginam um aumento do quadro docente. O quadro da Universidade não pode ser aumentado por força de decreto de 28/12/82, com vigência por tempo indeterminado. O decreto estabelece algumas condições excepcionais para novas contratações. No entanto, as exigências são tão grandes que poucos se arrisquem. Quem tentar trilhar todo o caminho burocrático previsto pelo decreto, deverá saber que chegará, em determinado momento, à Secretaria de Planejamento da Presidência da República, onde não deverá contar com boa vontade por parte do seu Ministro-chefe.

O professor Luis Otávio, que é também presidente da Comissão de Enquadramento, esclareceu que o processo de enquadramento de professores não sofrerá qualquer restrição com as recentes medidas de corte de verbas, pois obedecem a critérios já fixados no Regimento da UnB.

Em relação aos novos enquadramentos decididos nas negociações entre professores e Administração Central, afirmou o vice-reitor que a previsão é de cumprimento do cronograma estabelecido entre as partes. A nova comissão, que deverá contar com mais nove membros, espera apenas sua aprovação pelo Conselho Diretor da FUB para iniciar seus trabalhos.

Na opinião do professor Luis Otávio, o que poderá ser afetado pelos cortes é a área de pesquisa e pós-graduação, por se tratar de atividades que frequentemente necessitam de maiores recursos suplementares. (Leticia Almeida Borges)

Negociações seguem normalmente

Apesar do intenso "mal-estar" criado entre o corpo docente da UnB e a Administração Central, em meados de dezembro, as negociações agora caminham normalmente, de acordo com o professor Sadi Dal Rosso, vice-presidente da ADUnB.

"Houve alguns contratempos quando o Serviço de Pessoal iniciou um processo de devolução das carteiras de trabalho dos professores que tinham entrado com pedido de enquadramento", afirmou Sadi. "Outra atitude que nos causou apreensão foi a hipótese de exclusão dos professores visitantes nos processos de contratação, por tempo indeterminado. Só depois ficamos sabendo que se tratava de um procedimento normal, visto que o critério de estudos dos pedidos obedeceria à ordem de chegada na Reitoria. As perturbações, portanto, já foram superadas".

Segundo Sadi, o acordo relativo à passagem dos contratos de tempo determinado para integral, determinado também está sendo cumprido, juntamente com o estudo dos nove novos membros que comporão a Comissão de Enquadramento. Esses nomes serão tirados de uma lista — já enviada à Reitoria — de 27 professores eleitos diretamente pelo corpo docente. "Estamos esperando que, até o final de janeiro, o Conselho Diretor escolha esses nove membros, que atendem às exigências contidas no acordo — todos são titulares, adjuntos ou doutores", acrescentou. "Dependendo da Reitoria, essa comissão de enquadramento poderá operar já em fevereiro".

O vice-presidente da ADUnB mostrou-se extremamente satisfeito com o mecanismo de escolha da "lista dos 27", que deixou clara a possibilidade da UnB, por si

própria, eleger os seus dirigentes. Um ofício está sendo preparado pela ADUnB, para ser enviado a cada um dos eleitos, manifestando satisfação e expectativa de que eles venham realmente a responder aos interesses e reivindicações dos professores.

DCE

Entre os estudantes, o quadro apresentado pelo presidente do Diretório Central, Zeke Beze, demonstra que todas as reivindicações vêm sendo atendidas pela Reitoria. "A Administração Central aguarda apenas a relação dos nomes dos estudantes que vão participar dos Colegiados".

O DCE pretende levar para as reuniões uma proposta de regulamentação da participação regular do corpo discente nos futuros encontros dos colegiados superiores, e um projeto de estatuto do diretório para discussão e aprovação. Quanto ao convênio,

entre a Fundação Hospitalar e a FUB, Beze afirmou que tudo corre normalmente, pois os alunos de Medicina e Enfermagem já estão estagiando. (Carmem Moretzsohn).

Reitoria promete cumprir acordos

"Foram feitos os diversos acordos da Universidade com os movimentos dos estudantes e professores e haverá um esforço muito grande por parte da Reitoria em se cumprir o estabelecido". A declaração é do Professor Gentil Martins Dias, Decano de Assuntos Comunitários, participante da comissão de negociações e representante da Reitoria.

Gentil ressaltou que existe a preocupação em se apressar ao máximo o cumprimento do estabelecido nas negociações e exemplificou essa situação com o fato de os contratos por tempo indeterminado —

uma das bandeiras mais importantes levantada pelo movimento dos professores — já estarem resolvidos. Com relação à indicação dos nove novos membros para a Comissão de Enquadramento, o Decano afirmou que até o final deste mês, todos os processos em poder da antiga Comissão, serão analisados e serão indicados — a partir de uma reunião do Conselho Diretor da FUB — os nove nomes retirados da lista tripla apresentada pela ADUnB.

Disse ainda Gentil que a Administração está apenas esperando o nome dos estudantes eleitos pelo DCE para fazer parte dos Conselhos Superiores da UnB, para dar andamento às negociações. Finalizando afirmou que "não houve nenhuma resistência racional por parte da Reitoria, quando do início da greve, pois os interesses da administração, da classe docente e estudantil são coisas únicas e não se separam. Elas se somam e não se dividem. O que nós temos que descobrir é a maneira ideal de como elas se somam e se integram". (Carmem Moretzsohn)

Sem consulta, DAC aluga CO a portugueses

No último dia 12, algumas vagas do alojamento estudantil da UnB foram alugadas ao preço de 1.100 cruzeiros, pelo Decanato de Assuntos Comunitários, a pedido do Ministério da Educação e Cultura, a um grupo de estudantes portugueses sem que os moradores tivessem sido consultados a respeito.

Segundo o Decano de Assuntos Comunitários, professor Gentil Martins Dias, os portugueses foram encaminhados somente para os apartamentos que tinham vagas e, além disso, para aqueles cujos moradores não pagam para morar. "A intenção não era colocar nos apartamentos onde havia moradores e sim nos que estivessem vazios", disse Gentil. Ocorre que não há apartamentos vazios no Centro Olímpico (C.O.) e as vagas existentes são muito poucas.

CHAVES

Muitos moradores reclamaram do fato de terem sido entregues as chaves, sem o seu conhecimento e aprovação, as chaves de seus apartamentos, principalmente porque durante as férias a maioria viaja para suas casas e deixa seus pertences no CO. "Isto é um absurdo. Eles não podem dar as chaves de nossa casa para os primeiros que aparecem", disse o morador do apartamento 208 A.

Maria de Fátima Morbach, moradora do apartamento 214 B, declarou ao *Campus* que se encontrava em seu apartamento e de repente viu a porta ser aberta por duas portuguesas que nem se deram ao trabalho de bater. "Elas estavam com a chave na mão. Eu achei que aquilo era uma invasão e expulsei todo mundo. Ainda se tivessem falado comigo, vá lá, mas não foram simplesmente entrando".

A UnB cedeu, ainda, um ônibus para apanhá-los e levá-los ao aeroporto, segundo o professor Gentil Martins Dias. Mas conforme os moradores do Alojamento, os portugueses circularam no ônibus por toda a Universidade, inclusive sendo levados até o Bandeirão, onde faziam suas refeições.

TURISMO

Os estudantes são da Universidade Técnica de Lisboa e estão excursionando pelo Brasil juntamente com o reitor Arantes de Oliveira e mais dois professores do Instituto Superior Técnico. Segundo o professor Marcelo Cunha Moraes, chefe do Departamento de Engenharia Civil, eles estão aproveitando a viagem para conhecer as principais escolas de engenharia civil do país, laboratórios e equipamentos.

O "grupo dos portugueses", como ficou conhecido, permaneceu dois dias em Brasília e, nesse meio tempo, eles aproveitaram para conhecer tanto a UnB visitando, além da Faculdade de Tecnologia, a Biblioteca, o Minhocão e adjacências, como a cidade de Brasília com suas asas e eixos. "Não estava programado nenhum curso ou palestra, foi mais uma viagem de turismo", finalizou o professor Marcelo Cunha Moraes. (Terezinha Silveira)

Com a UnB vazia, sobe o Bandeirão



O Decano de Assuntos Comunitários afirma que ouvirá os estudantes sobre critérios de carência.

Conclusão do semestre somente em fevereiro

Após um mês de greve, as despedidas do ano velho, as saudações a 83, realização de mais um vestibular, e enquanto as chuvas intimidam o sol de verão, os estudantes da UnB continuam nas salas de aula para conclusão do período letivo do segundo semestre de 1982.

Quando do término da greve ficou acertado o período de 6 de dezembro a 25 de fevereiro para a reposição das aulas, eliminando-se a realização dos cursos de verão que iriam de 10 de janeiro a 3 de março. De acordo com a Diretoria de Assuntos Acadêmicos, este prazo determinaria apenas, o início e fim do período para reposição, pois as aulas seriam realizadas de acordo com as resoluções dos diretores dos Institutos e chefes dos Departamentos.

Assim levando em conta as disponibilidades dos professores, respeitando-se seus compromissos assumidos, gozo de férias, pode-se constatar três faixas na reposição. A primeira coincidindo com a data fixada para início (06 de dezembro) e terminando juntamente com as festas de fim de ano. E o caso, por exemplo, do pessoal da Nutrição que optou por ter aulas nos sábados, à noite, vários trabalhos e em compensação gozar férias em janeiro e fevereiro.

Já em outros Departamentos, dando-se uma volta ao longo do Minhocão encontra-se a moçada assistindo aulas de Antropologia Especial, Introdução a Antropologia, Teoria Antropológica 2, ou então, o que é maioria, trabalhos sendo entregues nas secretarias dos Departamentos. Também em fase final, as experiências nos laboratórios da Química e da Agronomia.

E na última etapa encontram-se os cursos de Direito e Relações Internacionais, com a volta das férias de seus

professores para iniciarem as aulas no começo de fevereiro. E os alunos já pensam no jogo de cintura para aliar aulas de Introdução às Ciências Políticas e Relações Econômicas Internacionais com o Carnaval. (Eugênia França).

Aulas em janeiro mudam calendário

Depois das festas de fim de ano, e da tradicional debandada de Brasília por boa parte de sua população, a maioria dos alunos da UnB se vê obrigada a voltar às aulas para completar o período letivo. Isso implicou na anulação do período especial, o "verão", e consequentemente na reformulação do calendário acadêmico, com o adiamento de algumas datas importantes para o aluno.

Um exemplo disso é a entrega do material de matrícula, cujo prazo foi adiado para o dia 28 de fevereiro. O resultado da matrícula vai ser colocado à disposição dos alunos nos departamentos a partir do dia 9 de março, quando começa o reajuste. Os prazos para trancamento geral e parcial de matrícula não vão ser adiados.

Para os formandos do último semestre, as solicitações de diplomas e certificados de conclusão de curso, estão sendo recebidas pelo DAA desde o dia 23 de dezembro, e se estendem até 10 de março.

O dia limite para a entrega das menções finais pelos professores, será 25 de fevereiro, mas o pedido de revisão da menção final, feito pelo aluno, vai do dia 16 de dezembro até 4 de março. (Maria Luiza).

Desde o dia 1º deste mês o restaurante da UnB tem novos preços, de acordo com a portaria nº 3 do MEC, de 6 de janeiro de 1983. O aumento é baseado no Índice de Preços ao Consumidor de dezembro passado. Os alunos de graduação do grupo I (carentes) passam a pagar 60 cruzeiros; os do grupo II, 150 cruzeiros e os do grupo III, 250 cruzeiros. Os estudantes de pós-graduação desembolsam agora 320 cruzeiros. Para os funcionários do grupo I uma refeição passa a custar 80 cruzeiros; grupo II, 250 cruzeiros; grupo III, 390 cruzeiros e grupo IV, 590 cruzeiros. Os visitantes pagam, também, 590 cruzeiros.

O fato de o aumento ter se concretizado em meio a UnB vazia impediu, na certa, a discussão sobre a portaria e os critérios de divisão por grupos. O decano de assuntos comunitários vê a fórmula como aparentemente justa, embora ocorram distorções. E o caso do auxiliar de serviços, um indivíduo em geral solteiro; arrimo de família, ainda que não possa prová-lo legalmente, com muitas despesas de moradia, transporte e manutenção, já que é solteiro e mora só. Sem dependentes e com uma renda considerada por Gentil, como alta, paga um preço muito caro pelo bandeirão, embora não tenha condições reais para isso. O decano diz que a UnB está mantendo gestões junto ao MEC para resolver esses casos específicos.

DESAJUSTES

Essa questão legal tem causado muitos desajustes nos preços cobrados pelo restaurante. A origem do problema é a própria portaria baixada sem qualquer interferência da comunidade universitária e cuja legitimidade a administração da UnB não quer discutir. Gentil Martins Dias, no entanto, pretende consultar as entidades estudantis para que elas opinem sobre os critérios de avaliação do aluno carente.

O Decano apressou-se em afirmar que a participação dos estudantes nas decisões sobre o restaurante tem sido muito importante. "Toda a comunidade universitária tem um débito com os membros da comissão que estuda funcionamento do bandeirão, porque trabalharam gratuitamente e dando tudo de si". A presença dos alunos, segundo Gentil, é fundamental, pois ele conhece os problemas de perto. Caberia à universidade cumprir as decisões tomadas pela comunidade universitária; não apenas quanto ao bandeirão, mas em todos os outros assuntos.

Gentil pensa que os acordos celebrados durante as greves de 82 são uma boa oportunidade para que as lideranças dentro da universidade passem a atuar mais e citou o fato de os alunos terem, agora, representação nos órgãos colegiados. Para ele, o que ocorre no caso do bandeirão deve se estender para todas as outras áreas. Gentil acha que sem a ingerência do estudante ocorre o paternalismo, forma indesejável de administrar. Segundo ele, quando uma lei está errada é preciso que a comunidade faça uma reeleitura e dê uma nova interpretação do texto. (Nelson Luiz).

Comerciários também criticam política salarial

Por reajustes salariais de três em três meses, contra a recessão e o desemprego, pela manutenção dos 10% acima do INPC e por melhores salários. São essas as reivindicações principais pelas quais lutam atualmente os comerciários de Brasília.

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Brasília prevê, oficialmente, mais de 1.000 demissões até o final de janeiro. Essas demissões serão todas de funcionários com mais de um ano, na empresa, podendo o total de demitidos ser ainda maior, uma vez que o Sindicato não fica sabendo das demissões dos funcionários contratados há menos tempo.

Segundo Nelson Vieira Serra, vice-presidente do Sindicato, "cada fim de ano, depois das festas, quando os patrões mais lucram, o quadro de funcionários é reduzido bruscamente. Os funcionários contratados como extras permanecem com salários menores e os antigos são demitidos".

O país vive uma situação de intranquilidade e, segundo Nelson, isto se deve à própria política salarial do Governo, que não dá a estabilidade necessária ao trabalhador, fazendo que seu tempo de permanência numa empresa seja de, no máximo, um ano. Após esse prazo novos funcionários são contratados, logicamente, com salários bem inferiores.

RESTRICÇÕES

Nelson conta que os empregados no comércio sofrem restrições de todos os tipos. "Um exemplo é o

caso dos funcionários da Lobrás que não podem sequer usar o banheiro. A gente chega à triste conclusão de que o Sindicato não tem nenhum poder de decisão no momento em que vivemos. Fazemos denúncias, vamos às autoridades, exigimos uma posição, uma solução e nada é feito. O jeito é propormos reuniões e mesas-redondas com os empresários e, talvez, conseguirmos alguma melhoria".

O maior problema que o Sindicato enfrenta hoje é o "bicho-papão" do desemprego. Quem está trabalhando tem medo de lutar por seus colegas desempregados e acabar se tornando um deles. Um abaixo-assinado foi entregue ao Ministro do Trabalho reivindicando uma política salarial mais justa para os empregados no comércio. "Não entendemos por que mais uma vez o arrocho cai em cima do pequeno trabalhador, tirando 10% de quem ganha de um a três salários mínimo".

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Brasília tem dificuldade até de encontrar um espaço na imprensa para fazer suas denúncias. Mas uma mobilização, como o Ato Público realizado no último dia 14, na Praça do Povo, mostra grande participação e vontade de vencer dos comerciários. É assim que eles descobrem o poder do Sindicato: "Na força do trabalho e na convocação de todos para uma luta em conjunto", finaliza Nelson. (Virginia Meireles).



Os moradores querem pôr fim ao abandono da Vila e pedem fim peza das ruas e iluminação pública.

Associação de Moradores mobiliza Vila Planalto

Excluída do plano de expansão da cidade por ser considerada hoje uma "invasão", a Vila Planalto vive dias difíceis. No acampamento do DFL, localizado naquela vila, as fossas transbordam inundando as ruas, o lixo acumula-se em frente às casas, há falta de iluminação pública, enquanto que, pela televisão, o superintendente da Terracap, coronel Eny de Oliveira Castro, afirma que o governo não gastará com infra-estrutura naquela área porque a lei não permite.

O primeiro passo para por fim a esta situação foi dado com a realização de uma assembleia, que reuniu mais de 500 moradores da Vila. Como resultado da assembleia ficou decidida a criação de uma associação de Moradores e a primeira conquista é autorização da Terracap para a reforma dos barracos, contanto que só utilizem madeira. Até então, qualquer reforma era proibida, sob o olhar atento dos fiscais da Terracap, que residem lá mesmo na Vila.

ACAMPAMENTO MODELO

Segundo Antônio Nogueira, candidato à presidência da Associação, essa política da Terracap visa a que os moradores pobres abandonem a área, sem contudo atacá-los diretamente. Antônio é um dos pioneiros da Vila e relembra com saudade os bons tempos, enquanto mostra as ruínas do

acampamento modelo. "Juscelino", diz ele, "choraria se visse hoje isto aqui".

"A Vila", conta Antônio no extenso documento lido perante a assembleia, "surgiu em 1956, quando os construtores do Palácio da Alvorada receberam do governo aquela área para construírem suas residências. Eram vários acampamentos onde residiam engenheiros, mestres de obras, técnicos em construção e toda mão de obra".

A área era dotada de infra-estrutura básica, com igreja, escolas, clubes, farmácia, cinema, ambulatórios, médico e dentário, armazéns, supermercados, padaria, açougue e lavanderia. O número de moradores girava em torno de 20 a 30 mil pessoas e todas as casas possuíam água e luz.

DEMOLIÇÃO

A demolição de toda aquela infra-estrutura, segundo Antônio, teve início com a mudança de governo. A partir de 64, ele afirma, os moradores da Vila Planalto começaram a sofrer "uma lenta mas inexorável pressão que continua até hoje".

A Terracap colocou de plantão na área", prossegue Antônio, "fiscais que tinham por exclusividade a demolição dos acampamentos". Aos poucos, toda a infra-estrutura

existente na Vila foi sendo desativada, assim como as casas que eram abandonadas por seus moradores, demolidas. "A segurança e a iluminação pública foram retiradas e a Vila, que pode ser chamada de acampamento modelo, assumiu um aspecto de invasão, onde predomina o lixo, a escuridão, buracos e toda espécie de depredações".

MOBILIZAÇÃO

E contra esta situação que mobilizam-se hoje os moradores da Vila, alarmados com a possibilidade de serem expulsos da área. Esta possibilidade, porém é afastada pelo coronel Eny, superintendente da Terracap, que afirma não haver qualquer plano de modificação da Vila: "Vamos deixar como está", assegurou o coronel através da imprensa.

Mas é justamente isto o que preocupa os moradores, que cotidianamente convivem com as fossas, o lixo e a escuridão. Eles pretendem para breve acertar uma reunião entre representantes da comunidade e autoridades, com a qual pretendem conseguir ao menos duas reivindicações básicas: a limpeza das ruas e seu nivelamento e a volta da iluminação pública, já que os postes existem, faltando apenas a colocação de lâmpadas. (Armando Bulcão).



Sem espaço na imprensa, o Sindicato dos Empregados no Comércio realizou ato público na Praça do Povo para fazer suas denúncias

Objetivo agora é criar a Federação

"Só mesmo um órgão centralizador pode dar maior força às Associações." A afirmação é de Eurípedes Pedro de Camargo, presidente da Associação dos Moradores "Incansáveis da Ceilândia".

De 14 a 18 de janeiro do ano passado, em São Paulo, reuniram-se 5 mil pessoas representando Associações de Moradores de todo Brasil, para trocar experiências e discutir problemas comuns.

Aquela reunião compareceu uma delegação das associações de Brasília, chefiada pelos "Incansáveis da Ceilândia". Lá, veri-

ficando a força e organização de certas Associações, eles tomaram consciência da necessidade de um órgão centralizante. Ao regressar a Brasília, a delegação promoveu uma reunião com as 23 Associações de Moradores do DF, que resolveram organizar uma comissão com membros de todas as entidades.

Esta comissão vem funcionando deste então e sua função principal é organizar reuniões mensais com todas as Associações.

Federação

Segundo Eurípedes, eles

pretendem transformar a comissão em Federação, que só será realmente forte quando as Associações o forem, e isso só será possível através da conscientização e participação dos cidadãos.

Eurípedes diz ainda que não sabe se eles estão conseguindo resultados práticos através da comissão, mas que uma coisa é certa: A troca de experiência entre as comunidades é de importância fundamental para toda e qualquer melhoria que venha a reivindicar e isso a Comissão nos permite. (Ana Vera Furquim)

Em questão, a experiência

Nelson — O *Campus* foi uma experiência incrível porque me deu oportunidade de chegar perto do que é a realidade jornalística. Eu vivi várias experiências que se aproximam bem disso. Uma delas foi ter participado pela primeira vez de uma entrevista coletiva. Outra foi a cobertura quase diária de fatos não isolados, como o problema da Medicina: indo lá várias vezes, aprendi a dar sequência a uma matéria. Outra foi a investigação da denúncia que chegou aqui na redação. Foi uma denúncia feita por alguém da Medicina e tive que saber o que estava por trás daquilo. Houve também o caso de alguém que não ficou satisfeito com a minha matéria, fato comum na profissão. Eu escrevi uma matéria e o vice-reitor não gostou. Foi importante saber como se dá essa indisposição da fonte. O fato é que ouve um problema de edição e a matéria foi cortada erradamente. Outro ponto importante foi a limitação do espaço. O Murilo um dia, na hora do fechamento, me pediu para cortar dez linhas de uma matéria, ali, em cima da hora. E eu fiz. O convívio na redação foi uma tentativa de reprodução do que o jornalista vive no dia-a-dia. Foi legal, mas faltou um pouco mais de pique, porque no jornal diário você faz mais matérias. Nunca vai ser igualzinho.

Carmen — A minha experiência deixou muito a desejar. Fiz muito pouco do que queria ter feito. Houve muito tumulto na hora de me colocarem numa editoria, então fiquei pulando e não podia me estabilizar. Mas depois peguei mais ou menos o pique. Mas não acho que tenha feito um trabalho quase jornalístico como o Nelson falou. Foi um trabalho de colégio mesmo, com o Murilo sempre me ajudando. Tirando as coisas quando estava muito ruim. O trabalho jornalístico deveria começar antes da gente chegar ao *Campus*. É uma sacanagem chegar no último semestre e descobrir que você não sabe fazer matéria pra jornal. E uma sujeira com a gente. Eu gostei pela convivência. Pela paranoia de ter que entregar a matéria num dia e ficar nervoso por não ter acabado. Mas como experiência jornalística mesmo não valeu muito; pois as coisas lá fora são bem diferentes. Mas no final melhorou. O lance de buscar a informação, de fazer entrevista e tentar levar a pessoa a fazer um pouco mais e de repente "dançar" na mão dela.

Mara — O *Campus* não foi uma experiência completa. Mas eu acho que aqui, com esse compromisso de entregar matéria no dia, você acaba descobrindo mil "macetinhos". O cara não quer dar entrevista e você corre atrás dele. Eu e a Débora logo na primeira vez fomos entrevistadas o Paulinho da Viola. Foi uma "odisseia no espaço". Gastei uma grana de gasolina. Era um tal de ir na casa do homem e ele estava dormindo. Agora vamos no hotel, agora teatro, espera. É necessário o respaldo de se trabalhar num *Jornal do Brasil*, porque aí as pessoas ficam naquela de me "atender pelo amor de Deus". Mas se você diz que é do *Campus*, aí tem que ficar lá sentado, esperando. Então isso é meio doloroso. Dentre as falhas que detectei, estava a credencial que jamais existiu. Eu senti isso porque agora, quando tenho que fazer uma matéria sobre o Mambembão, eu pago do meu dinheiro. Você tem uma dificuldade enorme de se identificar, de se colocar como alguém que pretende realmente ser jornalista. Eu acho que isso o professor tem que brigar para conseguir. Não faz sentido você ser desacreditado pelo seu próprio jornal. Agora, a experiência foi muito distanciada do que seria a realidade de um jornal. A casa aqui ainda tá muito amadorística.

Leticia — Mas é lógico.

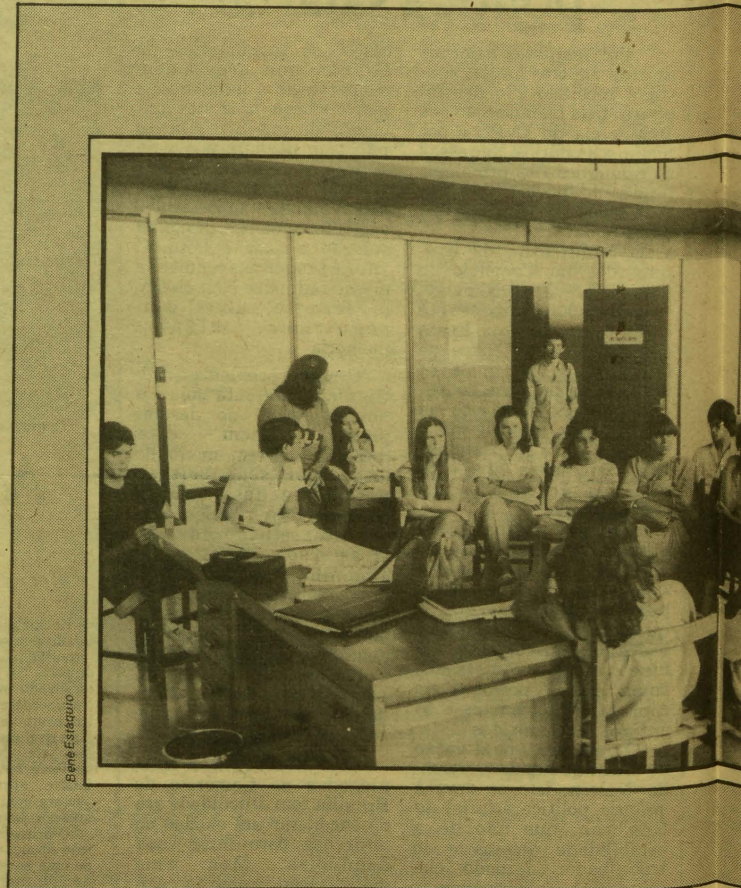
Mara — A Leticia diz que é lógico. É que como primeira experiência a gente tem que levar isso em consideração. Mas que tenha sido uma experiência que substituisse o trabalho num jornal, realmente não foi.

Virginia — Eu acho que o meu problema foi falta de base desde o começo. Eu nunca dei sorte de pegar um professor que me ensinasse alguma coisa. Então cheguei na redação com a maior dificuldade. Ainda dei azar que a editoria da gente (Comunidade) nunca tinha matéria e a gente tinha que fazer tudo muito no ar. Era a pior página do jornal. Era terrível. Mas se aprendi alguma coisa na Universidade, foi aqui. Fora daqui não aprendi nada. Aqui pelo menos tinha que fazer alguma coisa. Bem ou mal feita, mas fazia. Para mim, o que fiz de mais importante foi a edição especial do *Campus*, porque ficar fazendo matéria sobre dona-de-casa... ninguém lia. Mas a experiência foi

válida. Bem longe de ser o dia-a-dia de um jornal, porque aqui a gente tinha um compromisso de entregar matéria, mas era raro fechar o jornal quando tinha que fechar. Não havia muito aquela responsabilidade. Mas acho que valeu a pena, pela convivência na redação, pelo sufoco e pelo que aprendi.

James Allen — Existem três coisas em que a gente pode se basear pra ver se o jornal realmente funcionou. A primeira, a necessidade de manter a periodicidade. A segunda, manter a qualidade. E, por último, fazer com que todos façam o jornal. Nesse sentido o jornal não funcionou, porque umas pessoas trabalhavam menos, outras mais. Mas, houve primeiro a pressão, que é mais intensa no jornal diário, de entregar a matéria na hora, no dia. Aqui tem isso também, mas como a gente está estudando, a gente tem que ter tempo para remeter a coisa ao plano teórico. Acho ideal esse prazo de 15 dias e entre uma edição e outra. Exatamente para que você tenha tempo de discutir um pouco. Rever a sua matéria, conversar com o professor, falar com seus colegas de editoria. Nesse sentido, o jornal foi legal porque a gente respondeu a essa proposta do jornal. Nós respondemos. Atrasou um, dois dias, uma semana. Teve também o problema da greve. Mas normalmente o jornal cumpriu a periodicidade. Quanto à qualidade do jornal, ela foi proporcional à nossa capacidade. Essa é uma coisa boa para o estudante. Porque é muito ruim ter uma experiência em que o resultado final está muito aquém da nossa capacidade. Eu mesmo sou um que não pode reclamar. Porque eu fiz matérias que poderiam ter saído melhor. Mas dentro da prática dos prazos e de todas aquelas coisas, eu entreguei o que eu pude. Eu não senti que o jornal estava pedindo menos do que eu podia dar. E isso foi bom para mim e pedi um compromisso. Eu estava acostumado a fazer lá fora, mas aquela de estagiário, as pessoas têm, uma compreensão com a gente. Aqui a gente é estagiário, mas tem um compromisso maior, porque é o nosso primeiro semestre do *Campus* organizado, estruturado. E foi importante segurar este pique. Eu me projetei muito no sentido de ser o primeiro semestre do *Campus*. Sempre que eu tinha má vontade, eu pensava que era o primeiro passo pras pessoas que viriam depois. Elas vão pegar um curso um pouco melhor. Quem está começando agora, vai sair com um pouco mais de estrutura que a gente. A Virginia disse uma coisa interessante. Aqui no *Campus* a gente pôde ver tudo que sabia e o que não sabia. Deu para quantificar um bocado de coisas. Deu para se apavorar muito: "Ih, eu não sei fazer nada disso". — O Murilo disse uma coisa interessante: o curso tem que estar estruturado de tal maneira que aqui a gente só pratique e sinta as nossas necessidades de melhorar. E não fique aprendendo de novo a escrever. Eu não permito nenhuma interferência em termos de "lead" e "sublead" porque essa discussão para mim é inútil. Conversando com um companheiro de editoria ele falava: Olha esse lead não tá muito claro". Tudo bem, faz parte. Agora em termos do Murilo colocar isso como uma máxima do jornalismo num jornal quinzenal, achei isso dispensável. Eu achei que em certos momentos tinha que sair aquele superlead compacto, daqueles que saem no rádio, como também aquele mais poético, aquela coisa mais solta, que um jornal de 15 dias permite. Ninguém está lendo um jornal diário. Você tem 15 dias para ler o jornal e por isso é desnecessário você juntar todas as informações no primeiro dia. Na editoria internacional, aos poucos a coisa foi melhorando. No começo a gente queria fazer um tratado internacional, aquela supermanchete. Então no começo foi chumbo grosso. Aos poucos a gente foi percebendo que tinha que especificar uma coisa. Quando a gente só tem duas laudas para falar uma coisa, vamos deixar o leitor bem esclarecido a respeito de um determinado ponto. Aquilo ali é um ponto de

reflexão para ele, juntando a todas as informações da grande imprensa. Nesse sentido de repensar, refazer, repropor dentro da editoria que tipo de matéria se devia fazer. Há o problema de fonte de notícia, muito característico da editoria internacional. A fonte é muito rarefeita. Mas ao mesmo tempo a gente descobriu que Brasília em termos jornalísticos é um tesouro, tem tudo o que quer. Desde a mais bobinha e elementar até a mais alta fonte de informações. E agora que eu estou fora, eu não tenho medo na hora de fazer uma pauta, porque sei que em algum lugar de Brasília eu vou encontrar uma fonte que vai me dar aquela informação que eu estou precisando.



Bryll Estágio

Sandra — Pra mim, a experiência foi válida. Eu trabalhei mais na área de fotografia. Foi o meu primeiro contato com o trabalho em fotojornalismo. Aí fora eu sei que terei que enfrentar uma briga neste campo. Uma coisa que aconteceu aqui e que eu acredito que lá fora acontece em menor escala é a falta de criação nos editores na fotografia. Da importância que eles dão à fotografia. Aqui nós tivemos muito problema porque tínhamos que ir atrás do pessoal perguntar se as matérias precisavam de fotografia. Acredito que aí fora deva haver uma maior organização e uma maior consciência da necessidade do fotógrafo. Foi válido, inclusive pelo crédito na fotografia, de você estar brigando para que saia o seu nome na foto. Além disso, estar no meio de fotógrafos profissionais em todas as manifestações e, entrevistas, marcou bastante e desenvolveu meu trabalho, como na greve da UnB, quando eu fiz um trabalho imenso. E as pessoas aí vendo o seu trabalho. Muita gente disse, "Eu vi a sua fotografia no *Campus*..." ou "você não quer fotografar tal coisa para mim". Fotojornalismo é importante e pouco valorizado no jornalismo. Os fotógrafos estão lutando para que se valorize mais porque é muito importante e está ganhando força dentro do departamento com o curso de introdução à fotografia e o novo curso de fotografia I.

Liliana — A minha experiência foi válida. O único problema é que o Murilo deveria ajudar a corrigir os textos. Traçar comentários sobre eles. Eu estou sentindo dificuldades que podem ser minhas, lá no jornal. Essa seria a única crítica que eu faria ao *Campus*: o professor deveria dar umas dicas. Eu senti isso depois de ter começado a trabalhar em jornal.

Ana Lúcia — Eu concordo em parte com o que a Carmen estava falando no sentido de ter deixado muito a desejar em termos de jornal. Mas também deve dizer que foi a única grande experiência desse tipo que eu tive. E daí que eu estou tirando tudo. Está sendo o começo do começo do começo. A partir daí que começa toda a batalha de escrever. E muito interessante essa nossa avaliação porque, colocando os nossos problemas, daqui para a frente as coisas vão melhorar. A gente poderia

ter feito melhor. A princípio, na editoria internacional foi ótimo. Eu dei muito tentando fazer as coisas direitinho. Foi muito louco, porque a gente queria pegar o mundo inteiro. Aos poucos, a gente foi dividindo, foi melhorando. Mas decaiu um pouco. Eu pessoalmente acho que as pessoas, de alguma forma, conseguiram crescer, mas o jornal em si foi se desorganizando e piorou bastante. O próprio Murilo foi culpado. De repente eu estava como repórter de uma editoria e Edira de outra e mal sabia fazer alguma coisa. Então fiquei enroladíssima e o procurei várias vezes sem nunca ter uma resposta legal. Não deu para chegar até ele. Nunca se resolvia nada. Foi legal a experiência em relação ao jornal. Acho que se ganhou muita coisa mesmo. Só espero que melhore.

Eugênia — Eu nunca tive nenhuma outra experiência, a não ser o *Campus*, então não posso fazer nenhuma comparação. Foi altamente válido. Houve deficiência no sentido da falta de participação da minha parte, porque a partir do momento em que você participava de uma editoria que tinha o Nelson, a Leticia, o pessoal, você se sente um pouco retraída. Mas, por outro lado a Leticia dava a maior força. Houve o grilo de não ter matéria publicada. Depois passei a ver que era coisa minha. Quando tomei consciência disso, saíram duas matérias minhas. Aí fiquei vibrando. Tive dificuldades. Como a Carmen falou, durante todos esses semestres você não pratica. Aqui é que você vai fazer alguma coisa mesmo. Eu queria praticar mais. Escrever mais. Não só aqui no *Campus*. Como o Murilo disse, você tem que escrever mais.

Ana Vera — Eu vou ser rapidinha porque quem me conhece sabe que eu odeio esse departamento. Nunca consegui fazer nada aqui dentro por falta de interesse total, porque nunca me acrescentou nada. Então acho que o meu depoimento fica forte, porque pela primeira vez eu consegui trabalhar aqui. Eu realmente trabalhei. Inclusive consegui perceber — porque acho meio antipática a linguagem jornalística, pois o meu negócio é literatura — uma coisa que até o Murilo me ajudou nisso. Eu posso muito bem conjugar

a de um jornal-laboratório



Os repórteres e editores do **Campus** se reuniram no último dia 17, segunda-feira, para fazer um balanço das atividades de jornal no semestre que agora chega ao fim. A oportunidade foi criada artificialmente, devido ao fato de que todas as entrevistas pretendidas para as nossas páginas centrais foram desmarcadas à última hora. O acontecimento não se esvaziou, no entanto. Pelo contrário, completou um ciclo de discussão, em que o debate interno vazou, através do próprio **Campus**, para o restante da comunidade universitária. Os depoimentos tiveram muito do entusiasmo dos debatedores, mas contiveram também um sentido crítico, altamente necessário em qualquer aprendizado.

linguagem jornalística e literária. E é o que eu pretendo fazer um dia, se tiver coragem.

Armando — Pra mim a experiência foi aquela do que poderia ser. A gente chega no final do curso e percebe tudo o quanto deixou de fazer e aprender. Eu coloco o **Campus** como o início. O momento em que o Departamento sai de uma inércia secular e começa a se pôr em movimento. Isso acarreta muitos problemas, porque você tem que lutar contra uma máquina que está emperrada. Então você sofre muito. Eu dancei muito em fotografia. Dancei. Abandonei porque não dava. Era muito desorganizado pra mim. Estava fazendo um trabalho muito apressado, muito rápido, e aí não se aprende. Aprender é devagar, com cuidado, prestando atenção. A nível de jornal, ele esteve sempre aquém do que eu esperava. O texto estava sempre aquém das minhas expectativas. Compreendo que quando agora chegamos ao final e vemos tudo o que aprendemos, aí vemos que não aprendemos nada, porque o curso não é bom. Todo mundo sabe aqui como são os professores, como são os alunos.

Eduardo — Considerando-se os pros e contras, é natural aparecerem dificuldades. Realmente o **Campus** deste semestre deu um grande passo. No passado, o **Campus** era uma coisa totalmente sem sal. Pelo menos agora estamos tentando temperar e deixá-lo a gosto. Uma sugestão que gostaria de dar, por ser um jornal-laboratório, deveríamos fazer um jornal mais alternativo e não se basear nos moldes da grande imprensa. Procurar dar uma flexibilidade maior, sendo um jornal-laboratório e por ter uma série de dificuldades, falta de recursos, tempo das pessoas para poder trabalhar, acho que deve-se procurar não fazer um jornalzinho, uma cópia do que se faz lá fora. Um jornal-laboratório. Um jornal alternativo. Em termos de experiência, sempre é válido, seja ela boa ou ruim. Pra mim que nunca trabalhei em jornal, tudo era novidade. Tudo no começo eu pensei que fosse festa. "Puxa, trabalhar em jornal". Aí a confusão.

aprendi a me virar à cata de informação, pois a pauta era uma coisa vaga. Terminava saindo tudo ao contrário do que deveria ser. Tive que me virar como jornalista e jornalista tem que aprender a se virar. Foi um pouco confuso. Espero no semestre estar aqui de novo como estagiário. Ai, meu Deus. Mal posso esperar.

Paula — Minha dificuldade com o **Campus** foi encontrar pautas. Matérias para você escrever. Eu, como editora de comunidade, e meus repórteres ficávamos perdidos. Loucos atrás de um assunto que interessasse. Os assuntos que nós imaginávamos interessantes, a maioria o Murilo não aceitava. E ao mesmo tempo a gente não conseguia arrumar novos assuntos. Mas aos poucos, o Murilo começou a conversar mais com a gente, e as coisas iam se ajustando. Não conseguimos chegar a uma definição. Escrevemos sobre donas-de-casa, domésticas e, na nossa visão, não eram assuntos que despertavam muito interesse relativamente às outras editorias. Quanto ao **Campus** como estágio, foi a primeira experiência minha. Dentro do possível, foi válida. Se não foi mais, foi por falta de participação minha. Realmente eu não me dei muito, mas aí já é um problema particular. Não tem nada a ver com a estrutura do jornal. Inicialmente eu pensava que fosse melhor uma experiência fora, num "jornal de verdade". Mas depois, refletindo bem, eu vi que o **Campus** como Jornal-laboratório daria e deu muito mais oportunidades — principalmente num caso como o meu. Se eu tivesse ido direto para um jornal a experiência poderia ser trágica. Dentro do possível cumpriu o que planejava. Deu oportunidade da gente participar, de escrever. O que faltou foi minha própria participação. Eu trabalhei tarde e além disso havia outras matérias. Ao mesmo tempo preocupada com as matérias para entregar no prazo. No balanço geral, foi positivo.

Leticia — Para mim pessoalmente foi uma coisa bonita fazer o jornal. Eu estou há cinco anos no departamento e foi uma das coisas por que a gente mais lutou. Desde o início a gente

achava que devia ter uma área de experimentação. Tem que ficar claro: O **Campus** é um jornal-laboratório e como tal ele cumpriu suas funções. Ele tem que, na medida do possível, se assemelhar ao jornal que a gente vai trabalhar depois, mas ele não é nenhum. Graças a Deus! Ele tem que ser um jornal onde você vá experimentar. Onde se possa errar. Voltar atrás. Corrigir. E isso eu acho que nós tivemos. O jornal é fruto de uma luta muito maior, de muito tempo, já que no plano teórico as coisas estavam traçadas. Na comissão do CFE, da qual eu fazia parte, se tratou da reformulação do curso de Comunicação. Lá se decidiu que toda escola de Comunicação deve fazer oito jornais anuais. Nós fizemos sete num semestre. Então é um enorme trabalho que me deixa feliz e gratificada. Depois de todos anos de luta, saber que saiu, que é possível e que a coisa funciona. Houve falhas que a gente tem que notar. Estamos num período de transição. É a primeira vez que se faz esse jornal com esse pique e com essa periodicidade, o que é fundamental. Temos que perceber as condições da UnB, e que aumenta a dimensão da vitória. Apesar de toda estrutura que está aí, a gente conseguiu fazer o jornal. Não entramos naquela de "não vai dar". A gente foi à luta e deu pra fazer. Agora nós precisamos de mais pique, de mais orientação. Acho que precisamos de dois professores, com maior disponibilidade. Aliás, dos alunos também. São 12 créditos que as pessoas fazem como se fossem quatro. Tem que haver disponibilidade para as pessoas se entregarem, o que aconteceu com a maioria das pessoas, pois se não fosse assim, o jornal não teria saído. Este jornal tem uma importância tão grande que transcende este depoimento e até a UnB. Ele é um exemplo pra todos os cursos de Comunicação, hoje em torno de 60, e no máximo três fazem jornal-laboratório com periodicidade. Ele provou que a gente é capaz, com todas as adversidades, com todos os feriados no meio da semana, com greve e tudo o mais. A gente viu que o jornal, em termos de qualidade, cresceu. Os dois últimos números são de uma qualidade infinitamente superior ao primeiro, inclusive pelo aumento de assistência do professor em termos de corrigir matérias, cortar, reescrever, que dá um enorme desespero na gente. Fazer matéria, refazer. Sair do curso com este fecho para mim foi uma chave de ouro. Com todas as dificuldades, com todas as apreensões que a gente passou, no sentido figurado ou não, foi uma coisa ótima.

Terezinha — Como a Leticia disse, estou aqui no departamento há um tempo esperando o estágio no jornal, porque a gente achava importante que o estágio fosse feito dentro da escola. A respeito do jornal que era feito até o primeiro semestre de 82, a gente não tinha data para entregar a matéria, escrevia e o dia que desse para entregar, entregava. Então saía três **Campus** no máximo, com uma qualidade muito ruim, abaixo do que qualquer edição do **Campus** neste semestre. E as pessoas nem liam. A gente olhava apenas pra ver se saiu a nossa matéria e nem lia a matéria de outra pessoa. Hoje eu pego o **Campus** e sei tudo que está lá, porque eu li várias vezes as matérias de todo mundo. A qualidade é muito superior ao que estava sendo feito. É um jornal gostoso de ser lido. O trabalho de editora me levou a não escrever quase nada, apesar de estar aqui a semana inteira. Até nos dias que eu não tinha aula, eu estava aqui enchendo o saco do Murilo. (Risos) Eu fiz também fotografia. Achei o trabalho de fotografia de uma dinâmica muito maior. E acabei não sendo editora, pois era o grupo todo que decidia as coisas. Na hora do fechamento, com o diagramador, a gente quase não participava. O Murilo é que fechava a nossa página. A experiência do **Campus** foi muito bonita. Foi uma das coisas mais gostosas que eu fiz aqui dentro deste departamento em quatro anos e meio. Eu sugeriria que as pessoas que fizessem o jornal tivessem mais tempo disponível, sem se preocupar com outras matérias, com provas, etc. As pessoas, quando viessem trabalhar no **Campus**, viessem integralmente. Como se fosse um trabalho. Em relação às fontes de notícias, a gente teve uma dificuldade muito grande, embora a Brasília seja o caldeirão político do país. Para a editoria nacional, está tudo aqui, mas há uma dificuldade muito grande de ser recebido por você não ser um repórter, e sim um estudante. Senti falta da credencial, poder participar num Ministério de uma entrevista coletiva, por exemplo. Sem credencial a gente não tinha acesso, ficava então muito restrito a algumas pessoas que tinham alguma ligação com a Universidade, com o ensino, às vezes sem maior evidência. Mas as altas fontes mesmo era praticamente impossível chegar até

elas. Se o James teve essa facilidade, a gente não teve.

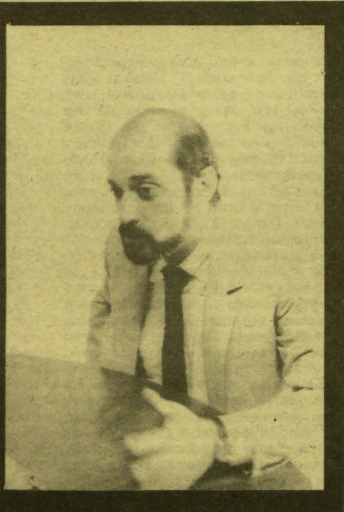
Hugo — Eu comecei esta experiência muito entusiasmado. A nível pessoal, batalhei muito para que este **Campus** existisse. Eu não sei se há alguém aqui que teve tanto entusiasmo. O **Campus** era quase um filho para mim. E eu saí daqui completamente decepcionado, com o astral baixo, sem nenhum entusiasmo para fazer nada no jornal. Decepcionado com o departamento. Quando eu soube que nós íamos fazer este debate, eu passei o fim de semana pensando muito o por que dessa minha atitude. Eu não sei se é um problema de temperamento, que é muito explosivo, com atitudes muito extremistas, onde eu dou tudo ou não dou nada. Não sei se o problema é meu ou do **Campus**. Eu sei que, como jornal, ele deixou muito a desejar. Eu acreditava muito mais na nossa capacidade de fazer uma coisa melhor. E claro que foi válido, nenhuma Universidade tem um jornal como o que nós temos hoje. Em quatro anos de Universidade eu nunca tive uma experiência com um pique tão alto quanto esta. Mas acho que os alunos e o professor podiam dar mais do potencial latente.

Bartô — Eu acredito que a decepção do Hugo deve-se a critérios muito pessoais. Faço minhas palavras da Leticia: nós tivemos um ano muito tumultuado e mesmo assim saiu um bom jornal. Que é capaz até de disputar aí no mercado com outros jornais, se ele fosse vendido em banca. É um jornal muito bom. Eu até sugeriria algumas mudanças. O aspecto visual por exemplo, deveria ser mais ousado. Uma linguagem mais ousada. Acontece que lá fora quando algum editor precisa de alguém para trabalhar, nunca quer pegar gente saída da Universidade, querem um redator ou um repórter que tenha experiência. E se o cara saiu da Universidade naquele ano, ele não presta porque não tem experiência, não tem pique. Nesse sentido o **Campus** passa a ser um teste vocacional para os estudantes. Chega muita gente ao **Campus** sem ainda se definir como jornalista. Só que aqui ele passa a se definir. Em alguns momentos eu vi no **Campus** o pique de uma redação de jornal. Acho que o Armando Bulcão fez umas críticas, que eu sinceramente gostaria que ele reformulasse. Acho que ele está enxergando pouco, olhando para trás. Dizer que o jornal está muito aquém, decepcionando, que a pressa prejudicou o trabalho dele. Eu sei que isso aqui não é grande imprensa, mas jornal é improviso, pressa, é a tua capacidade de fazer dentro daquele ritmo. Caso contrário você nunca vai ser um bom profissional. Meditar muito em cima de um trabalho não é fazer jornal, é fazer revista, talvez mensal ou bimensal. O pique daqui do jornal é um teste para você se avaliar. Não sendo aqui um advogado do **Campus**, acho que ele como a experiência profissional foi riquíssimo.

Débora — Eu concordo com a Leticia. Foi uma experiência gratificante como jornal-laboratório. Eu considero o **Campus** como um filho. Eu me considero uma felizada por ter participado desta primeira experiência depois de anos de batalha, para conseguir o jornal. O jornal ofereceu a oportunidade de se praticar, coisa que todo o mundo reclama dentro do curso. Pode-se conversar com qualquer aluno que ele vai dizer que até você chegar nessa matéria, onde você tem que fazer o jornal, não existe prática alguma, como agora. Eu infelizmente não tive isso, pois até as matérias de edição jornalística, na época que eu fiz, eram extremamente teóricas. Nelas, não fiz nada, não aprendi nada. Quanto ao problema da dedicação exclusiva, acho prejudicial se fazer o jornal tendo outras matérias ao mesmo tempo, que saem prejudicadas. Quanto ao problema da credencial que a Mara e a Terezinha falaram, na nossa primeira entrevista, aconteceu de sairmos literalmente correndo atrás do Paulinho da Viola o fim de semana inteiro, e não conseguimos fazer uma entrevista com ele. Eu tenho uma crítica a fazer sobre o trabalho como editora, que ficou um pouco prejudicado na hora do fechamento do jornal, pois era o Murilo que dava sempre a palavra final. Eu não tive autonomia, que, no início do semestre foi dito que teríamos. Essa autonomia ficou só no papo. Ele poderia até argumentar que nós não tínhamos experiência, mas as coisas poderíamos começar daí. Ele poderia dizer: "Como você gostaria que ficasse a sua página?" Nós poderíamos até fazer besteira, mas ele teria nos dado oportunidade de mostrar o que a gente pretendia. Nesse sentido eu penso que nos próximos semestres ele deveria deixar mais com os alunos. As pessoas que forem editores deve ser dada esta autonomia.

O FMI e a política externa

Figueiredo vai à ONU e reforça imagem de independência da política externa brasileira. Reagan visita o Brasil: reaproximação. Brasil pede reescalonamento da dívida. E agora? Como fica o país quanto aos seus pontos de conflitos com a política externa norte-americana? Bernardo Pericás, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, falou à Lílina Vera e Ana Lúcia Guimarães sobre o assunto. A foto é de Terezinha Silveira.



Campus — Correm rumores de que a política externa brasileira vai mudar depois dos acordos com o FMI e com a visita de Reagan. O Brasil vinha se distinguindo por sua política de não alinhamento com os países do hemisfério norte, e nisso ele tem enfrentado abertamente os Estados Unidos. Enfim, a política externa brasileira vai ser alterada daqui para a frente?

Pericás — Em primeiro lugar, o que você chama de enfrentamento não é exatamente o caso, pelo menos não é apenas como um enfrentamento; apenas como uma definição política nossa. Evidentemente em certos assuntos as nossas posições não coincidem. Porque são países diferentes. Quanto à linha geral da política, eu acho que agora, final de setembro, quando o presidente foi à ONU, ele reafirmou muito essa linha. E a crise econômica já existia, não é uma novidade. A rigor a crise econômica existe desde 1822. Tem-se problemas de endividamento externo, etc, e que é uma coisa característica dos países em desenvolvimento.

Campus — Mas o Brasil não tinha recorrido ao FMI...

Pericás — Não tinha ido ao FMI, mas você tem casos de países com situação econômica estrutural muitíssima pior do que a do Brasil. Países que estão relacionados, por exemplo, pela ONU como o grupo de países de menor desenvolvimento relativo. Não vou citar nomes, mas eles são conhecidos. E entre esses países você tem os que possuem políticas externas próprias e definidas, apesar de uma situação econômica estrutural extremamente grave. Se eu quisesse citar um nome, citaria a Tanzânia, por exemplo. Quer dizer não há uma necessária ligação entre uma coisa e outra. O que eu posso dizer é que não existe nenhuma intenção de alterar os princípios que orientam a política externa. Evidentemente que uma política externa é feita levando em conta as condições objetivas, os dados objetivos, a realidade mundial. Portanto ela se ajusta, ela não é imutável neste sentido. Agora em termos gerais de linha política, de princípios, ela não muda nada.

Campus — O senhor acha que depois do Departamento de Estado norte-americano ter avalizado o Brasil ante os banqueiros internacionais ele não vai exigir algumas mudanças, não vai interferir de alguma maneira?

Pericás — Não houve a menor indicação disso, em primeiro lugar. Em segundo lugar eu acho que quando eles se interessaram pela situação econômico-financeira do Brasil, eles estavam agindo tendo em vista também os interesses próprios. Eles estão conscientes do interesse que existe na saúde do sistema financeiro internacional, no qual os ban-

cos americanos têm participação predominante. Não interessa a ninguém, e em particular aos bancos, que o sistema financeiro quebre. Eu acho que eles têm quase que automaticamente uma contrapartida útil para eles, ao darem um apoio ao Brasil neste sentido. Eles ganham também com isso, não precisam vir com outras cobranças porque eles estão tendo vantagem. Vantagem no sentido de manter funcionando este sistema, de evitar que se tenha uma crise e que os bancos que emprestaram dinheiro ao Brasil quebrem. Quer dizer, é do interesse deles. Isso, já é, logicamente, uma contrapartida.

Campus — Então o senhor acha que definitivamente essa situação não afeta, por exemplo, a relação Brasil-Africa?

Pericás — Olha, eu acho que não há nenhuma contradição entre a política brasileira em relação à África e a política americana em relação à África. Você tem, se você quiser, políticos diferentes, mas políticas diferentes não quer dizer políticas contraditórias necessariamente. Você pega, por exemplo, o caso da Namíbia: nós apoiamos a independência, temos algum contato com os países da linha de frente, e além do mais o governo dos Estados Unidos participa do grupo de contato que está trabalhando em vistas da independência da Namíbia. Acabou de estar agora em Luanda e Maputo um enviado americano que está tratando deste assunto.

Campus — Sim, mas eles apoiam a África do Sul...

Pericás — Eles têm um tipo de relação com a África do Sul muito diferente do tipo que nós temos. Nós temos diferenças nessa política, temos diferença de enfoque, temos diferenças, digamos, de opinião quanto à forma de encaminhamento, etc. Mas a política dos Estados Unidos oficialmente declarada, e não oficialmente também, é favorável à independência da Namíbia. Não é contrária a essa independência. Quer dizer, ao sermos favoráveis a isso não estamos em nenhuma contradição com a posição americana. Este é um assunto sobre o qual temos inclusive conversado com os americanos. Eles estão informados do andamento das negociações, etc.

Campus — Mas até o embaixador sul-africano no Brasil fala que eles são a favor da independência da Namíbia, mas sempre quando...

Pericás — Nos termos deles...

Campus — Exato, nos termos deles.

Pericás — Desde que seja entregue a um tipo de governo que seja mandado por eles, etc. Quer dizer, desde que a Namíbia continue a ser um apêndice da África do Sul. Mas eu acho que não é essa exatamente a posição norte-americana. Não creio.

Campus — O senhor acha que os Estados Unidos deixariam entrar no poder algum tipo de governo socialista, por exemplo...

Pericás — Você tem um exemplo recente na própria África, que foi o caso de Zimbábue. Foi encaminhado um processo de independência e o governo dos Estados Unidos participou inclusive deste processo, houve propostas do Kissinger e tudo mais, e finalmente se chegou ao esquema de eleições onde, até para a surpresa de muita gente, ganhou o Mugabe, e não se esperava, de fato não se esperava. Ganhou e está lá. Quer dizer, eu acho que um paralelo que você tem em termos recentes de África é o caso de Zimbábue, e não é negativo neste sentido.

Campus — E a viagem de presidente Figueiredo à África que foi adiada?

Pericás — Isso não tem absolutamente nada que ver com qualquer tipo de alteração da política. Havia uma idéia...

Campus — Não seria uma saída para ganhar tempo? Para que o FMI desse o empréstimo...

Pericás — Não em absoluto. Não há nenhuma relação entre uma coisa e outra.

Campus — Então por que ela foi adiada?

Pericás — Primeiro ela não foi adiada, ela nunca foi marcada. O que houve, o que se pensou foi na hipótese de fazer talvez em janeiro uma viagem. Ano passado houve uma certa redução no ritmo de viagens do presidente porque era um ano de eleições, ele estava engajado na campanha eleitoral viajando pelo Brasil. Então com isso o número de viagens dele foi menor. Ele foi aos Estados Unidos em maio, ao Canadá em julho e à ONU em setembro. E não fez outras viagens. Essa viagem à África é uma coisa que está pensada praticamente desde o início do governo. Você sabe que nunca, até hoje um presidente brasileiro foi à África em exercício de mandato. Não chega a ser uma coisa extraordinária também porque a África independente data de início da década de 60, com poucas exceções. Uma viagem à África é uma coisa complicada, quer dizer, não é a mesma coisa que você se deslocar para a Europa Ocidental por exemplo, ou mesmo para a América Latina. Você tem problemas logísticos muito maiores. E além disso, para fazer uma viagem à África provavelmente a idéia é visitar uns três ou quatro países. No momento em que se faz uma visita a três ou quatro países fica complicada porque você tem que não só compatibilizar sua agenda com a agenda de cada um dos presidentes. Pensou-se realmente em fazer essa viagem em janeiro, foram feitos alguns contatos na África e verificou-se que não era possível.

Campus — Há diplomatas africanos preocupados com esta situação...

Pericás — Acho que não há nenhuma razão para isso, até porque, além de tudo, a rigor, — voltando à pergunta que você colocou de que haveria diferenças entre Brasil e EUA em relação ao problema da África Austral, desde o primeiro momento isso foi dito pelo ministro Saraiva quando visitou a África Austral e visitou cinco países da linha de frente —, a idéia sempre foi que a primeira viagem do presidente à África seria à África Ocidental, os países não estão definidos, mas é uma área onde a rigor você não tem esse tipo de problemas, que você tem na África Austral. É pura e simplesmente um problema de agenda e acontece o seguinte: não indo agora até março, aí você tem nessa região a estação de chuvas o que torna muito difícil organizar qualquer tipo de programa até setembro ou outubro, por exemplo. O que existe da primeira idéia é uma viagem se realizar possivelmente no último trimestre deste ano. E isso, mas essa defasagem entre janeiro e outubro é devido mais a esse tipo de problema. É complicado ir à África, não é fácil.

Bancos temem uma moratória generalizada

O ano passado foi o mais espetacular desfile de crise econômica mundial, tendo como participante principais, mais de 25 países, que, ou se atrasaram no pagamento de suas dívidas bancárias, ou já propuseram o reescalonamento de seus pagamentos para uma parte do dinheiro recebido em empréstimos. A flagrante mostra de incompetência dos atuais líderes internacionais da economia ecoou em todos os cantos do planeta, tendo atingido países como o Brasil, Argentina, México e outros da América Latina. Na Europa, capitularam a Romênia, e, mais recentemente a Iugoslávia. No Oriente Médio, a Turquia, com sua linguagem particular, também evitando a palavra "moratória".

CINCO GRANDES

Mas esses efeitos foram tais que não pararam nos pequenos. No ano passado, os cinco maiores participantes do Fundo Monetário Internacional — a Grã-Bretanha, França, Japão, Alemanha Ocidental e Estados Unidos — reuniram-se em Kronberg, na Alemanha, para reavaliar a postura do Fundo na economia internacional, principalmente em relação aos países em desenvolvimento. Os empresários estavam preocupados com "a quase bancarrota de países como o México, Brasil e Argentina". Uma consequência imediata dessa reunião foi declaração de que os Estados Unidos estão dispostos a promover uma revisão geral do sistema financeiro internacional. Mais tarde, Reagan — o presidente dos Estados Unidos — tomou uma curiosa atitude. Convidou-se para vir ao Brasil, numa "visita de trabalho".

Mas mesmo assim, posturas como essas, segundo o vice-presidente do Morgan Guaranty Trust Corporation, Rimmer de Vries, não são um consenso. Ele advertiu os países do Terceiro Mundo que os bancos particulares serão menos generosos em seus empréstimos, mesmo depois de resolvidos os problemas econômicos atuais, que ele considera remanescentes da "grande depressão dos anos 30". Na palestra que fez para o Senado norte-americano, Vries acrescentou ainda que o número de bancos que emprestarão dinheiro aos países em desenvolvimento será menor. E alertou: "Os países não devem esperar um ritmo rápido parecido de empréstimos bancários, como no passado recente". E ainda: "Mesmo os que emprestem, o farão a um passo mais lento".

Rimmer de Vries atribui os atuais problemas à crise de 30, mas Donald Regan, o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, tem uma visão mais estrutural do problema. Para ele essa situação se deve a uma das mais profundas contradições do capitalismo. "Ocorre que o intento de diminuir as importações e aumentar as exportações está levando a economia mundial a um beco sem saída, pois agora os países em desenvolvimento também estão querendo impor seus produtos no mercado, sendo esse o mesmo comportamento das grandes economias".

Mas o Brasil também aceitou o reescalonamento de seus pagamentos que deveriam ser feitos pela Bolívia. Em dezembro, 17, Ernesto Arambar, Ministro das Finanças da Bolívia concluiu um acordo com o governo brasileiro permitindo o reescalonamento de sua dívida de 142 milhões de dólares. Esse país está em negociações com a Argentina e com os bancos internacionais para reorganizar sua economia depauperada pelos militares que chefiaram o poder nesses últimos anos. (James Allen, Pesquisa Campus).

Interesses nas condenações de padres do Pará

Na tarde do dia 13 de agosto de 1981, 13 posseiros de São Geraldo do Araguaia, no Pará, emboscaram uma caravana de funcionários do GETAT (Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins, órgão do Conselho de Segurança Nacional), da Polícia Federal e de empregados de fazendas da região. A ação dos posseiros, da qual resultou um morto e vários feridos, foi considerada fruto da ação pastoral desenvolvida pelos padres franceses Aristides Camio e François Gouriou, acusados de incitarem os posseiros de Condição do Araguaia.

Um ano e quatro meses após o confronto, em 2 de dezembro de 1982, o Superior Tribunal Militar, no mais longo julgamento de sua história, reduziu as penas de prisão, já impostas a Camio e Gouriou pela Auditoria Militar, e Belém, de 15 e 10 anos para 10 e oito anos, respectivamente. Após o julgamento, o Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Luciano Mendes de Almeida, dizia ter ficado patente para ele a falta de provas contra François Gouriou e a impropriedade das acusações contra Aristides Camio.

INOCÊNCIA

Quando foi sustado o processo de expulsão, antes de serem condenados os sacerdotes, D. Luciano lamentou à imprensa, o tratamento que vinha sendo dado ao problema. Para ele, "os padres franceses não geraram os conflitos (...), que são bem antigos e há anos aguardam solução, que só virá com o empenho eficaz e profundo quanto ao problema da terra. Há anos a Igreja alerta para este ponto". O Secretário-Geral da CNBB afirmou a sua convicção da inocência dos padres, lamentando "o grande jogo de interesses fundiários e políticos que está na raiz desse processo".

FARSA

A tese oferecida pela defesa dos religiosos, perante o Supremo Tribunal Militar, era a de que "a perseguição policial-judiciária... constitui uma farsa, com a qual se pretende atingir a ação pastoral da Igreja na região do Alto Araguaia", nada tendo a ver com "crimes contra a segurança do Estado".

Atualmente, Gouriou e Camio aguardam recurso para o próprio STM, de vez que a decisão condenatória não foi unânime, cabendo ainda apelo final para o Supremo Tribunal Federal. (Pesquisa (Campus)).



Franco Montoro é participante do "confronto adiado" entre oposição e poder. Por enquanto, o tom está sendo dado pelo mineiro Tancredo.

Análise

Essa oposição não é de briga

Pode-se dizer que 1982 foi o ano da política. O ano em que se concretizou o processo de abertura do Presidente Figueiredo, com importantes passos para o restabelecimento da democracia no país. O principal de todos eles, sem dúvida, foram as eleições de novembro, quando o povo brasileiro, há muito desacomodado de exercer o direito do voto, elegeu de prefeitos a governadores. O que deu ao país um aspecto de democracia, apesar dos causismos e do poder do dinheiro que preponderaram nas eleições.

Os eleitores, conscientes ou não, escolheram seus representantes. Se não deram uma vitória maciça à oposição, também não proporcionaram ao PDS uma vitória consagrada. No entanto, as eleições serviram principalmente para desafogar um pouco o regime, que dessa maneira pôde iniciar o seu tão desejado processo de legitimação da "revolução" de 64, e com isso também, dividir com a oposição, que governará alguns Estados, a responsabilidade pela má administração dos cofres públicos.

Apesar da economia ser a grande vedete deste ano que se inicia, a área política muito ainda nos reserva. A primeira expectativa, no entanto, já parece ultrapassada, uma vez que o tão falado confronto dos governadores eleitos pela oposição com o Governo Federal não acontecerá. Pelo menos até o momento não há nada que indique isto. Os futuros governadores se mostram moderados e a grande maioria deles descartou a possibilidade de uma frente. Foram mais além, ainda, ao admitirem manter um relacionamento cordial com o Presidente Figueiredo, pedindo, inclusive, audiências, se necessário.

CONGRESSO

Independente do comportamento dos Governadores eleitos, as surpresas políticas parecem mesmo reservadas para o Congresso Nacional. Renovados praticamente 3/4 da sua composição, é ali que se prometem grandes debates sobre temas nacionais, inclusive por que irá abrigar nomes como Fernando Henrique Cardoso, Severo Gomes e Roberto Campos, embora estejam ausentes debatedores do peso de Jarbas Passarinho e Paulo Brossard. Dentre os temas a serem colocados em pauta, estarão presentes: a reforma tributária, as prerrogativas do Legislativo, o voto distrital, as reformas na Constituição e, ainda, as eleições para Presidente da República.

Mas, sem dúvida, o primeiro lance de emoção naquela casa acontecerá no próximo dia 30, quando estarão sendo escolhidos os membros da mesa que presidirá a Câmara dos Deputados para o biênio 83/84. Depois de muitas controvérsias parece que vai vingar a tradição, que dá ao partido majoritário a presidência. Apesar da insistência de alguns deputados em lançar candidaturas avulsas, o consenso deve prevalecer e a disputa pela Presidência da Câmara ficará mesmo circunscrita ao âmbito do PDS, embora precisando do aval da oposição.

Dentro do partido do governo despontam duas candidaturas, ambas por coincidência de deputados cearenses. Uma é a do Deputado Flávio Marcílio, que já presidiu aquela casa por duas vezes, e a outra, é a do deputado Haroldo Sanford, que concorrerá como "franco atirador", contando principalmente com as simpatias da oposição. Sanford decidiu-se por não se submeter à prévia em sua bancada, pois sabe que lá Flávio Marcílio possui maiores chances, ainda mais depois que o Presidente Fi-

gueiredo decidiu não interferir na escolha do sucessor de Nelson Marchezan, a exemplo do que havia feito antes com a escolha dos candidatos a governador pelo PDS, acatando as decisões do partido.

SINAL VERDE

O sinal verde foi dado a Marcílio, considerado até pelo Palácio do Planalto como o virtual presidente da Câmara dos Deputados e, consequentemente, o terceiro homem na linha sucessória presidencial, cargo este, que cresceu muito em importância nos últimos dias, devido ao estado de saúde do vice-presidente da República, Aureliano Chaves. Assim, a candidatura Flávio Marcílio tornou-se irreversível e, mesmo que houvesse interesse do Governo em lançar outro nome, não haveria mais tempo. Por isso, a posição de neutralidade é ponto chave para o Planalto, que agindo desse modo procura evitar atritos antecipados com um deputado que nunca eventualmente pode substituir o Presidente da República. A intenção é tornar o futuro Presidente da Câmara amigo das ideias da casa, como o fora durante seu mandato, o Deputado Nelson Marchezan.

Apesar da quase tranquila vitória que se prevê, o Deputado Flávio Marcílio, terá que vencer ainda algumas resistências à sua candidatura, principalmente, daqueles que vêm nela uma vitória do Deputado eleito Paulo Maluf. Mas, segundo, o que se pode observar na prática, Marcílio atropelou a candidatura Maluf, anunciando a sua, mesmo se fosse para concorrer com o ex-governador paulista. Desse modo, o apoio de Maluf a Marcílio é mais um jogo de estratégia na sua tão sonhada pretensão de chegar à presidência da república. (James Gama, de Fortaleza).

Controvérsia: as lutas nas terras pataxós

As contradições vividas pela FUNAI, premiada entre seus deveres constitucionais e interesses políticos e econômicos, foram ampla e "ionescamente" externadas neste período pré e pós-eleitoral. Segue roteiro em exatas 40 linhas que isto não é espaço para contar fatos diluídos ao longo de nove meses. Na cena a luta de um grupo "Pataxós" pela recuperação de sua reserva delimitada em 1926 e posteriormente esbulhada por fazendeiros sob o patrocínio associado do extinto SPI e governo bahiano.

FUNAI retorna Pataxós sem terras de Minas para área da reserva no sul da Bahia, e move ação que pretende nulidade de títulos de propriedade, em rito ordinário, lento. Fazendeiros ameaçam índios. Polícia Federal é mobilizada. Pressões políticas confinam índios em fazenda experimental. Imprensa repercute "gritos" de entidades indígenas. Eleições. Índios movem mandato de segurança e retornam à reserva "escondidos" da Polícia e FUNAI, que aciona a justiça em ritmo sumário rapidamente decidido em favor dos indígenas, garantindo-lhes 1.600 hectares. Cacique denuncia acordo anterior com a FUNAI e promete lutar até os 36.000 hectares da reserva, dispensa jornalistas na comemoração da vitória e com a FUNAI impede o ingresso de outros índios na reserva, além de seus 700. "Muita gente que não é índio quer aproveitar para ter terra e plantar".

ABSURDO

O jogo de xadrez beira o absurdo quando o Ministro da Justiça quer inquérito contra ação subversiva e é demovido por assessores temerosos de claridade sobre fatos que preferem ocultos. Ao ridículo, o presidencialismo governador bahiano acusa de incitadores funcionários da FUNAI que cumpriram seus deveres. E aproxima-se do gênero guerra fria, com informações e contra-informações em contravertidas e habilidosas declarações do Presidente da FUNAI sobre subversão e incitadores.

SUBVERSÃO

Em meio à incongruência o Secretário do Cimi informa que o inquérito deveria ser contra quem transformou título de arrendamento na reserva, em título de propriedade. "Os subversivos são estes", conclui, antes de explicar que a política indigenista por si adotada é contrária ao que preconiza o texto legal. Não é naturalmente a que pensa os que temem lutas nacionalistas externamente financiadas e levadas à decisão de palcos internacionais. "O reconhecimento do Plurinacionalismo, o Estado composto por diferentes Nações", ao invés do "objetivo de integrar, o integracido, a morte pela integração. No fim não há povos indígenas, apenas brasileiros". Tietes, nem tudo é perfeito. letra não reproduz a entonação dada a "brasileiro" pelo Padre Alemão.

Quanto aos índios brasileiros, talvez se salvem da insanidade com uma hecatombe nuclear que destrua a "civilização" integradora. A sobrevivência próxima está garantida pela recessão encomendada ao FMI. (Pedro Paulo).

"Há vagas" para a literatura-visual

As pessoas não são inteiramente novas, nem a idéia muito original. Entretanto, a publicação da *Há Vagas*, uma revista brasileira de literatura-visual (como gostam de defini-la seus responsáveis), é de suma importância na tentativa já bastante desgastada de se discutir a cultura candanga. A proposta de *Há Vagas* é o que se poderia chamar de uma busca pelo tempo perdido — estes últimos anos de marasmo cultural que a cidade viveu desde que descobriu que o "movimento marginal" não era o melhor caminho — onde serão debatidos com afinco temas literariamente importantes, do tipo poética da atualidade, cultura popular e poesia marginal.

Falando em linguagem de gente, a revista *Há Vagas* é a primeira tentativa dos últimos dois anos e meio de se encontrar a cobiçada cultura brasileira, através de uma publicação de grande qualidade (conteúdo e estética), organizada com seriedade por pessoas de comprovado valor intelectual. Pelo menos é isso que seus responsáveis garantem alcançar.

QUALIDADE

Há Vagas chegará aos olhos brasileiros com o café de ser editada depois de um rigoroso controle de qualidade, onde todos os textos foram exaustivamente discutidos pela equipe. "Nosso objetivo maior é rediscutir a estética marginal, no sentido de que agora é preciso botar os pés no chão e prezar pela qualidade; estudar, porque não se pode criticar sem fundamento", explica Chico Leite, um dos responsáveis pela revista. "Poesia é o objetivo", completa outro responsável, Adércio Leite. "A inspiração é passageira — continua —, pode ser um mero desabafo. Depois da inspiração é preciso trabalhar a palavra. A inspiração é apenas um toque para o poeta transpirar."

A idéia de se lançar uma revista de literatura-visual em Brasília surgiu há cerca de seis meses, quando dois ex-integrantes da revista cearense *Comboio* também literário-visual, lançaram a proposta a alguns futuros e alguns ex-batalhadores da cultura local. Hoje, são oito os responsáveis: Chico Leite, Adércio Leite, Paulo Joe, Luis Martins da Silva, Armando, Ariosto, Turiba e João dos Reis Borges. Depois de tudo acertado, procuraram o Decanato de Assuntos Comunitários — DAC — da UnB que, através da Bolsa Trabalho Arte, combinou financiar o projeto imprimindo, por sua conta, dois mil exemplares.

Os textos da primeira edição de *Há Vagas* já estão prontos. São 15 poesias, dois contos, uma crônica, uma reportagem abordando "Brasília/Terceiro Milênio", um artigo sobre a brasilidade com relação à poética da atualidade, seguida de uma entrevista/debate com o poeta Chico Alvin sobre poesia marginal e, por último, um artigo a respeito do poeta popular Patativa do Assaré. Falta agora ilustrar as páginas "de forma a obter uma unidade semântica entre a literatura e o visual", como explica Adércio Leite; fazer a arte final das 40 páginas e entregar tudo na gráfica. A previsão é de que na segunda quinzena de maio *Há Vagas* já esteja sendo distribuída, de mão em mão, nas livrarias e através de colaborações em diferentes estados. (Hugo Studart)



Joe, Adércio e Chico explicam a idéia de *Há Vagas*, uma revista que se propõe a intervir no cotidiano brasileiro através da literatura-visual

MAMBEMBÃO

Debatendo o teatro brasileiro

Pela sexta vez consecutiva o Projeto Mambembão chega a Brasília trazendo em sua bagagem quatro das sete montagens que estarão sendo exibidas nas principais capitais brasileiras nos meses de janeiro e fevereiro.

Além da sua já conhecida proposta de fazer com que o teatro brasileiro se conheça mais intimamente a partir das suas múltiplas realidades, este ano o Projeto está retomando uma iniciativa já desenvolvida em 1980, que é a de possibilitar estágios para técnicos de palco (iluminação e montagem) de regiões mais carentes. Contudo, a grande novidade que o Mambembão traz desta vez é a tentativa de fazer uma reflexão sobre a dramaturgia brasileira, a partir dos espetáculos que dele participam. Para tanto, o Instituto Nacional de Artes Cênicas (INACEN) está promovendo uma série de debates e, aqui em Brasília, o primeiro deles aconteceu no dia 15 de janeiro, na sede da Fundação Pró-Memória.

ODEBATE

O ator e diretor de teatro B. de Paiva incumbiu-se de apresentar ao público presente o pessoal do Grupo Giramundo Teatro de Bonecos, que por sinal, estava meio surpreendido com o sucesso de sua peça "As Relações Humanas". Isto porque nem sempre o texto de Qorpo Santo é tão bem recebido como foi aqui na cidade.

Apesar da tônica da discussão ser a Dramaturgia Brasileira, o interesse maior das pessoas girou mesmo em torno da curiosidade que um teatro de Bonecos sempre desperta. A princípio, B. de Paiva esforçou-se em dirigir o debate dizendo que o objetivo maior daquele encontro não era discutir a peça até

então em cartaz, mas logo depois, rendeu-se diante da oportunidade de poder enveredar pelo labirinto de cordas e fios que fazem um teatro de Bonecos.

A partir daí, falou-se muito da ausência de textos produzidos especialmente para o Teatro de Bonecos; da importância destes textos serem criados a partir da confecção dos bonecos; da preocupação em se preservar este gênero de arte; da própria formação do Grupo Giramundo que vem desenvolvendo este trabalho desde 1970, da validade de existir um convênio entre a Universidade Federal de Minas Gerais, que aliás, é quem mantém a oficina do grupo e seu acervo dentro do Campus da Pampulha e, finalmente, falou-se do autor José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo, que soube preconizar uma radical reforma na balbúrdia ortográfica da língua portuguesa dos meados do século passado.

CORPO SANTO?

Para Alvaro Brandão Apocalypse, diretor da peça, a escolha da comédia *As Relações Naturais*, de Qorpo Santo, se deve a dois fatores: "Primeiro,

com a pretensiosa intenção de resgatar do esquecimento a que sempre esteve relegado este dramaturgo que, em outra cultura que não a nossa, seria exibido orgulhosamente como raridade, como revolucionário, como inovador e como precursor do Teatro do Absurdo. E, segundo, porque a obra de Qorpo Santo exige ser decifrada como uma sorridente esfigme um pouco amalucada. Mas, que, em compensação, acena com possibilidades nunca oferecidas por um texto convencional", concluiu o diretor.

É intenção da Direção Geral do INACEN transformar esses debates, que serão sempre gravados a cada novo encontro, num texto a ser distribuído pelo próprio órgão. Mas enquanto isto não se concretiza, Cleber Loureiro, coordenador da equipe regional do Projeto aqui em Brasília, pede a participação de todos nestes encontros. Eles vão continuar acontecendo sempre aos sábados, às 15 horas, na sede da Fundação Pró-Memória, até que a última montagem do Mambembão seja encenada no Teatro Martins Pena. (Mara Régia)

E.T.

O que está por trás de todas essas lágrimas

Com atraso de um mês, aterrisou em Brasília, E.T. - O Extra-Terrestre, monstinho de pele enrugada e 75cm de altura que, com ternura e emoção, vem suscitando os mais ternos sentimentos nas platéias de todo o mundo e engordando a conta bancária de seu diretor, Steven Spielberg. Nunca um filme rendeu tanto em tão pouco tempo. Esse fenômeno cinematográfico custou 10,8 milhões de dólares e já arrecadou 300 milhões de dólares, transformando Spielberg, de 35 anos, em um dos mais jovens milionários de Hollywood.

No rastro do lançamento do filme nos Estados Unidos, uma verdadeira febre tomou conta dos americanos. Centenas de produtos reproduzem a figura de E.T. sob a forma de bonecos, camisetas, máscaras, abrigos de chuva, escovas de dente, mini-computadores, jogos eletrônicos etc., e podem ser vistos nos lugares mais diversos. Em Los Angeles, já existe um E.T. Center, uma grande loja de circo onde pode-se encontrar tudo do monstinho.

E o imperialismo cultural mais uma vez chega ao Brasil. A *Merchandising Corporation of America*, que detém os direitos de comercialização da patente, e é representada no Brasil pela *Solymar Empreendimentos e Representações Ltda.*, concedeu licença de fabricação a três empresas brasileiras. A *Rio Gráfica Editora* lançará um álbum de figurinhas do filme; a *Brinquedos Mimo* investirá Cr\$ 300 milhões na fabricação de 26 produtos, desde lancheiras, bonecos de plásticos infláveis, de pano, canecas, broches, sirene para bicicletas, raquetes até telefone digital, com preços que variam de Cr\$ 500 a Cr\$ 5 mil; e a *Caloi* fabricará camisetas com a imagem de E.T. e a réplica da bicicleta do filme.

A reprodução da figura de E.T. em inúmeros objetos, no entanto, não envolve apenas muitos dólares, mas certas exigências para que o produto seja aprovado. Uma equipe subordinada à *Spilberg* examina o produto enviado, seu valor e quantas peças serão fabricadas constatada a qualidade do produto, será assinado com contrato sendo 10% sobre o valor de venda para a firma que possui os direitos de comercialização dos produtos, a MCA. Metade desse percentual é retido no país para pagamento de impostos (imposto de renda e imposto sobre operação financeira) e a outra metade é dividida entre a empresa americana e sua representante no Brasil.

A certeza de lucro fácil e a dificuldade de conseguir a licença de comercialização dos produtos fazem proliferar no mercado as reproduções falsas ou "piratas". Afinal, a E.T. mania é moda, e esse modismo provavelmente permanecerá durante todo este ano com o marketing do filme que deverá render alguns bilhões de cruzeiros, quantia que bem poderia ser "injetada" em nossa pobre indústria cinematográfica. (Débora Maroja).

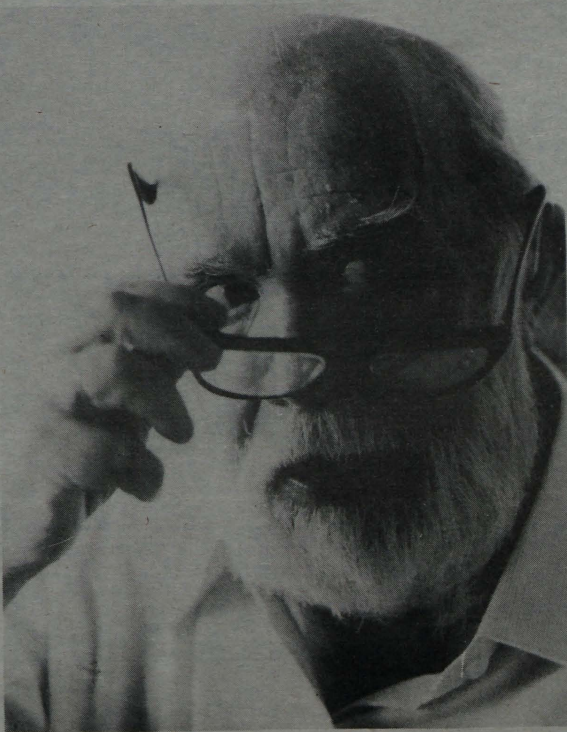
PROJETO MAMBEMBÃO 1983

DATAS	RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO		BRASILIA	B. HORIZONTE	VITÓRIA
	TEATRO GLAUCO ROCHA	TEATRO CACILDA BECKER	TEATRO DA FAAP	TEATRO EUGENIO KUMIT	TEATRO MARTINS PENNA	TEATRO MARILIA	TEATRO CARLOS COMES
5 a 9 de JANEIRO						MG AS RELAÇÕES NATURAIS	
12 a 16 de JANEIRO (RIO DE 11 a 16)	MG O ENCONTRO MARCADO		PR PAPA RABO		MG AS RELAÇÕES NATURAIS	PA GUDBAI POROIROCA	RS OS REIS VAGABUNDOS
19 a 23 de JANEIRO (RIO DE 18 a 22)	MG AS RELAÇÕES NATURAIS	PR PAPA RABO	MG O ENCONTRO MARCADO		PA GUDBAI POROIROCA	RS OS REIS VAGABUNDOS	PR OS REIS VAGABUNDOS
26 a 30 de JANEIRO (RIO DE 25 a 30)	RS OS REIS VAGABUNDOS	PA GUDBAI POROIROCA	PR OS REIS VAGABUNDOS	PR OS REIS VAGABUNDOS	PR PAPA RABO	MG O ENCONTRO MARCADO	MG AS RELAÇÕES NATURAIS
2 a 6 de FEVEREIRO (RIO DE 21 a 25)	PR OS REIS VAGABUNDOS	PA GUDBAI POROIROCA	MG AS RELAÇÕES NATURAIS	RS OS REIS VAGABUNDOS	MG O ENCONTRO MARCADO		PR PAPA RABO

O espetáculo "TEATRO CHAMADO CORDEL" de Aracaju será apresentado em locais e horários previamente divulgados.

Eudoro de Souza: "pensar dói"

No Brasil, poucos o conhecem; mas Eudoro de Souza, aos 71 anos de idade, é um dos maiores helenistas vivos do mundo. Pelo menos é o mais citado. "Pensar dói", costuma dizer o velho mestre. Seu pensamento é uma constante busca do Ser, numa reflexão já não mais filosófica, mas, segundo ele, "poético-filosófica". Professor titular da Universidade de Brasília desde 1962, para onde veio a convite de Darcy Ribeiro, nesta entrevista concedida a Armando Bulcão, Débora Maroja e Hugo Studart, do Campus, Eudoro fala sobre juventude, ensino, filosofia, sobre o homem e o trabalho, posicionando-se firmemente contra qualquer "ismo". Eudoro é português de nascimento, com atividades docentes em Portugal, França, e Alemanha. Radicado no Brasil desde 1953, no seu livro "Mitologia" (Cadernos da UnB, 1980), define seu trabalho não como uma "coleção de mitos, nem filosofia da Mitologia", mas, "pura e simplesmente, mitologia". "O mito", diz Eudoro, citando seu poeta preferido, Fernando Pessoa, "é o nada que é tudo".



CAMPUS — O Sr. não acha que com tantos filósofos mais modernos os gregos já estariam ultrapassados?

EUDORO — Nós pensamos grego. Foram os gregos que instituíram o pensamento ocidental e ainda hoje pensamos à grega, ou seja, sem deter o raciocínio antes de chegarmos ao fundamento de qualquer questão.

CAMPUS — Por que o Sr. prefere o pensamento dos pré-socráticos?

EUDORO — Os pré-socráticos começaram a pensar de uma maneira que vai dar necessariamente no fim da filosofia: o Ser. Eles conversavam sobre o princípio de tudo quanto existe. A questão fundamental e única era saber d'onde viemos e pr'onde vamos. Depois veio Aristóteles, que instituiu a ciência, a ética, a estética, a política, etc.

CAMPUS — O Sr. preocupa-se muito com o Ser, não?

EUDORO — De todas as preocupações, do homem, o saber d'onde vim, o que faço aqui e pr'onde vou é a maior. E claro que isso não aparece nitidamente quando se tem 20 anos. O jovem não se preocupa tanto com isso. O jovem dá-se todo ele à ação imediata.

CAMPUS — Então esta seria uma preocupação exclusiva da velhice?

EUDORO — Da maturidade. É uma coisa que começa a aparecer entre os 40 e 50 anos.

CAMPUS — Se esta é a questão fundamental da filosofia, então o Sr. está afirmando que o jovem não consegue filosofar.

EUDORO — Consegue! Consegue aprender o que o professor diz, consegue reduzir aquilo que ouviu, que leu. Consegue, mas isso não é filosofar. Filosofar é uma meditação profunda, e pensar dói.

CAMPUS — Então o que o jovem vem fazer na Universidade?

EUDORO — Vem aprender, vem frequentar a Universidade por quatro ou cinco anos. No fim coloca o canudo debaixo do braço e com esse canudo vai tentar manter uma situação de vida qualquer. É isso que ele vem fazer aqui. Ele não vem pelo gosto de saber pelo saber, é o saber pelo diploma. O jovem é eminentemente prático. Não digo que não haja exceções. Mas com isso não estou criticando o jovem — ou o jovem de hoje — no sentido pejorativo. Acho que é da natureza dele.

Vejo mal nos "ismos", em tudo quanto é sistema que me obriga a me coage a pensar de certa maneira

CAMPUS — O Sr. nunca teve a preocupação do "o que eu vou ser quando crescer"?

EUDORO — Isso implica a preocupação política. Agora eu nunca pude ter preocupação política. Veja, eu cheguei aos 70 anos, deixei-votado. Nunca tive direito a ele. E não foi por falta de vontade.

CAMPUS — Quais as razões da crise da Universidade brasileira?

EUDORO — A crise é geral, é do ensino. A origem do mal é não dar mais espontaneidade ao aluno, deixá-lo escolher, deixá-lo estudar o que ele quiser e não conforme um determinado currículo. O ideal é que houvesse dois ou três alunos para cada professor, afinal, esta crise geral do ensino é consequência da massificação, da massificação muito séria. Porque, na verdade, estamos buscando a quantificação da vida dos habitantes da Terra. E preciso que isso chegue ao fim.

CAMPUS — Defina o homem. O que é o homem?

EUDORO — Eu posso dizer só o que diz desde o princípio a minha mitologia: o homem é aquele ser que recusa o que lhe é dado gratuitamente, ou seja, o homem é trabalho, trabalho é o homem. O homem é aquilo que ele faz.

CAMPUS — De onde o homem veio?

EUDORO — Das mãos dos deuses.

CAMPUS — E quem são os deuses?

EUDORO — São paradigmas para o homem, são modelos.

CAMPUS — O homem precisa ter deuses?

EUDORO — O homem quer ser deus. Claro! Por isso é que recusou o mundo criado por Deus, a natureza, para fazer em cima dela o seu mundo, as cidades que você vê por aí, correndo toda a epiderme verda da Terra.

Ter, ter... o homem é aquele que, hoje principalmente, dá mais valor ao verbo ter que ao verbo ser. O que ele quer é ter e quanto mais tiver, mais homem será, mais considerado será como homem.

CAMPUS — E por que o homem precisa de deuses?

EUDORO — Porque, eu não sei. Agora, verifica-se que precisa. Por toda parte, todos os dias, você vê cria das por aí novas seitas religiosas.

CAMPUS — As ideologias seriam religiões?

EUDORO — As ideologias são uma forma degenerada da religião, é uma forma profana da religião.

CAMPUS — Ou a religião não seria apenas mais uma ideologia?

EUDORO — Não, não... Seria isso se não se praticasse o culto. Não quer dizer que o homem de hoje não pratique culto a um deus que tem muito de diabólico, um deus que obriga os homens a trabalharem, muitos, a maioria deles, a contragosto. Aquilo que o homem faz a contragosto é trabalho. E nós somos diabolicamente levados hoje a esse trabalho, a obrigação do trabalho.

CAMPUS — Mas o trabalho é uma necessidade de sobrevivência.

EUDORO — Pois é. Quer dizer que é uma fatalidade, é um castigo, é o ter saído do Paraíso. Diz a Bíblia: "Trabalharás com suor do teu rosto..." A maior parte dos homens não pode viver sem trabalhar. Agora, fazer por gosto não é trabalho. Fazer por gosto é um trabalho segundo a sua natureza, que corresponde aquilo que você é profundamente. Você, por exemplo, agora é aspirante a jornalista. Está fazendo o esta entrevista com gosto? Então não está trabalhando.

CAMPUS — O Sr. tem uma interpretação da História diferente do que os livros contam, a partir do momento que leva em consideração também as lendas e mitos. Mas é difícil sabermos na História onde a imaginação ou o mito confundem-se com a verdade.

EUDORO — Bom, o que acontece à História não é, o mito, é a lenda heroica. Os mitos são as primeiras dinastias do Céu e da Terra com poucas linhas; depois começa a lenda heroica. Minha concepção própria da História é só da presença do presente, não é, do passado. Não penso em atualidade e antiguidade. Penso sim no atual atenuado e no atual

reforçado. Fernando Pessoa tem a melhor definição que já vi sobre o mito: "o mito é o nada que é tudo".

CAMPUS — Por que o passado não existe?

EUDORO — A presença do passado é mito; aí é que está situado o mito. História é História, não é mito. Os primeiros historiadores começam logo por repelir o mito como a não-verdade. Começam a procurar apenas a verdade científica — que é científica conforme o sentido de ciência da época — e acabam fazendo sua visão própria da História.

CAMPUS — Qual a diferença entre mito e mitologia?

EUDORO — Mitologia é o conjunto de todos os mitos. Mito, com letra maiúscula, é exatamente a origem de tudo. Não posso explicar isto. Já escrevi mais de mil páginas e ainda não consegui dizer isto. Pode-se dizer o que é mitologia, mas não Mito, porque o Mito não é explicável: o Mito explica. O Mito é aquilo que os filósofos depois chamariam de matéria, de ideia, de razão, dando explicação factual aquilo que não pode ser explicado. Daí o idealismo, o materialismo, racionalismo, empirismo e todos os ismos.

CAMPUS — A existência seria um mito?

EUDORO — Não, a existência não. Bem conforme o que se chama de existência. Existência humana... Se chamamos existência o sermos nós, tal qual somos agora, (dentro de tudo isso a maneira de proceder, de agir, a todas as circunstâncias), isto é que é proveniente do mito, de um mito. Ou seja, os mitos são os paradigmas, os exemplos, os arquétipos através dos quais o homem tira elementos para formar a estrutura factual da História. O mito é a origem de tudo.

CAMPUS — Para o Sr. existe Deus? Não deuses, mas o Deus.

EUDORO — Acho que sim, mas não posso dizer nada.

CAMPUS — O homem estaria ligado a este Deus onde ou em quê?

EUDORO — Estaria ligado pela sua existência profunda. E aquilo que eu chamo subjetividade irredutível. A nossa subjetividade não se pode reduzir a um objeto; é por aí provavelmente que nós estamos ligados a Deus. Essa subjetividade é uma parte de Deus em nós; é uma parte que está num ponto no centro de um círculo, e um ponto não tem dimensões. Você olha para dentro de si mesmo, você olha para fora de si mesmo e vê objetos. Mas dentro de si

muito por baixo hoje em dia. Como o Sr. explica o surgimento de tantas novas seitas?

EUDORO — E justamente pela procura de uma resposta às questões que as ciências não explicam.

CAMPUS — Seria uma volta ao lado não-material do homem?

EUDORO — Sim. Aqueles homens procuram d'onde vieram e

O jovem não vem à universidade por gosto de saber pelo saber, mas o saber pelo diploma

pr'onde vão. Disto as ciências nada dizem. Nem têm nada a dizer, pois este não é o objetivo delas.

CAMPUS — Quer dizer que toda a verdade não está na ciência?

EUDORO — E claro que não!

CAMPUS — Onde está a verdade?

EUDORO — Onde cada um de nós a encontra. A verdade é algo extremamente relativo.

CAMPUS — Existe alguma verdade com "V" maiúsculo?

EUDORO — Acho que existe. Mas isso se atinge através do pensar.

CAMPUS — O Sr. conseguiu atingir esta verdade?

EUDORO — A única coisa que encontrou foi uma senda, um caminho em direção a... Mais nada.

CAMPUS — Se a verdade existe, onde ela está?

EUDORO — Está dentro daqueles de quem eu não posso dizer mais nada.

CAMPUS — Eudoro de Souza é um homem extremamente anti-político, certo?

EUDORO — Não sou anti-político; apenas não me interessa por atingir esta verdade?

CAMPUS — É difícil encontrar o caminho em grupo?

EUDORO — Especialmente se o grupo for muito grande.

CAMPUS — As massas não estão com a verdade?

EUDORO — As massas?... A meu ver não.

CAMPUS — Encontrar o caminho seria uma premissa da elite?

EUDORO — Não vivo em lugar nenhum esta elite.

CAMPUS — Nem uma elite do pensamento?

EUDORO — Pode ser que haja, mas eu nunca li nada deles. Pensadores políticos, só li Aristóteles e Platão. Nenhum pensador político me interessa: nenhum partido político, nenhum tipo de política. Só sei que me desagradam duas coisas: o totalitarismo dito de esquerda e o totalitarismo dito de direita. Isso é tudo que sou politicamente.

CAMPUS — E como seria o seu sistema político ideal?

EUDORO — O ideal seria um sistema político que educasse toda gente, todo mundo educado, todo mundo consciente de seus deveres para que não fosse preciso impô-los. Uma sociedade onde não fosse preciso polícia.

CAMPUS — É impossível! O Sr. está falando de uma sociedade muito ideal!

EUDORO — Pois é, sou portanto um utopista.

CAMPUS — O homem está sempre atrás de uma explicação pelo mito. É possível viver em paz consigo mesmo sem uma explicação da nossa existência?

EUDORO — Não, não é possível, que alguma vez na vida alguém não ouça sonhar o sinal da verdade. A razão da existência é saber do porque é que estamos aqui.

CAMPUS — O Sr. descobriu por quê?

EUDORO — Não descobri; como Heraclito também pensou nisso e teve que dizer mais ou menos assim: "quem não espera o inesperado não o achará".

Hoje, o homem dá mais valor ao ter que ao ser e quanto mais tiver, mais homem será

mesmo você tem objetos também. A medida que você vai objetivando, pode deitar essas objeções todas fora. O que fica é a subjetividade irredutível.

CAMPUS — É o nada? Ou seria o tudo?

EUDORO — É o nada que é tudo ou tudo que é nada. E o tudo de mim que não é nada que eu tenho: é o que eu sou. Aí está. E o que eu sou e não tenho.

CAMPUS — Os homens estariam melhores ou mais felizes caso estivessem mais preocupados em ser mais e ter menos?

EUDORO — Ah, certamente! Porque ter não tem mais fim. O querer ter não tem mais fim e o homem que tem está cada vez mais angustiado para ter mais, ainda.

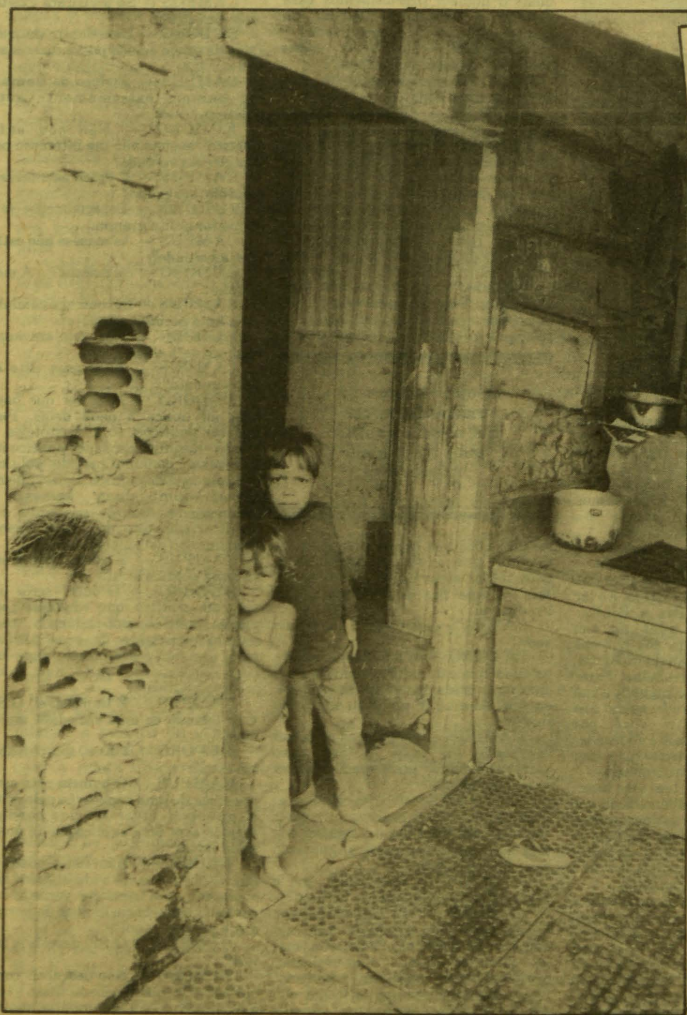
CAMPUS — Quer dizer que o materialismo seria o mal do homem?

EUDORO — Não. O materialismo é o espiritualismo ao avesso. Não vejo mal no materialismo. Vejo, sim, mal em qualquer "ismo": materialismo, espiritualismo, realismo, idealismo. Tudo quanto é sistema, sistema que me obriga e me coage a pensar de certa maneira.

CAMPUS — A filosofia está

1983

O lado mais cruel da crise econômica que paira sobre todos nós é, sem dúvida, a miséria. Ela caminha sem descanso em direção aos bairros pobres e finca pé nos becos e favelas deste país de desvalidos. O desprezo por essa imensa quantidade de vidas humanas é notório quando se anunciam mais e mais medidas pelos homens do governo. Na hora do arrocho, e isso agora parece claro, os que têm muita fome e pouco poder enfrentam as piores dificuldades. Muitos no Brasil, entretanto, demonstram estar cegos diante da realidade. As fotos deste ensaio, por exemplo, foram tiradas na Vila Planalto, não muito mais que a um quilômetro da Esplanada dos Ministérios e do Palácio do Planalto. (Nelson Luiz)



Sandra Tibana